FERNANDA GOMES TEIXEIRA

SÍNDROME DE BURNOUT EM PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO COM PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DO ENSINO FUNDAMENTAL DE RIO GRANDE/RS

RIO GRANDE/RS

2007

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

MESTRADO EM ENFERMAGEM

SÍNDROME DE BURNOUT EM PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO COM PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DO ENSINO FUNDAMENTAL DE RIO GRANDE/RS

FERNANDA GOMES TEIXEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Enfermagem – Área de Concentração: Enfermagem e Saúde. Linha de Pesquisa: Tecnologias de Enfermagem/Saúde a Indivíduos e Grupos Sociais.

ORIENTADORA Profa. Dra. MARA REGINA SANTOS DA SILVA

RIO GRANDE/RS

Maio 2007

FERNANDA GOMES TEIXEIRA

SÍNDROME DE BURNOUT EM PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO COM PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DO ENSINO FUNDAMENTAL DE RIO GRANDE/RS

Esta dissertação foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para a obtenção do título de

MESTRE EM ENFERMAGEM

e aprovada em sua versão final em setembro de 2007, atendendo às normas da legislação vigente da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Área de Concentração Enfermagem e Saúde.

DR. WILSON DANILO LUNARDI FILHO

Coordenador do Programa

BANCA EXAMINADORA:

Dra. MARA REGINA SANTOS DA SILVA

Presidente – Fundação Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Dr. WILSON DANILO LUNARDI FILHO

Membro Efetivo – Fundação Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Dra. EDA SCHWARTZ

Membro Efetivo – Universidade Federal de Pelotas - UFPel

Dra. GIOVANA CALCAGNO GOMES

Suplente – Fundação Universidade Federal do Rio Grande - FURG

AGRADECIMENTOS

Imensa se fez à lista de pessoas a quem devo agradecer. Porém, não posso deixar de mencionar especialmente:

A Deus, sem Ele nada seria possível, e graças a Ele tive saúde para vencer esta árdua caminhada.

Aos meus pais, que são meus maiores incentivadores, que se orgulham a cada vitória que acontece comigo, e graças a eles, posso seguir sonhando e realizando meus projetos.

A minha filha, que tantos momentos não me teve a seu lado, e que é a razão de todo meu esforço e de toda minha vida.

Ao meu marido, que está sempre presente, me apoiando, me entendendo e me amando, sempre.

Aos meus colegas, que me acolheram e me ajudaram a cumprir todas as tarefas necessárias para a conclusão deste trabalho. Em especial a Márcia, Cenir, Beth, Rocio e Méri, pelos conselhos e pela amizade construída nesse caminho.

Aos professores, que sempre estiveram prontos para me ajudar quando precisei e que partilharam suas competências comigo.

Aos funcionários da Universidade, que realizaram seu trabalho com dedicação e que me deram suporte para a realização das tarefas.

Em especial, a minha orientadora, Dra. Mara Regina Santos da Silva, que foi sempre incansável, e me recebeu por inúmeras vezes aos sábados domingos e

feriados. Atualmente longe, pela realização de seu pós-doutorado, mas presente na dedicação para o término da dissertação. você muito obrigada.

A professora Dra. Valéria, que me auxiliou sempre que precisei.

Ao professor Dr. Wilson, que além de me ajudar sempre que solicitei, ficou com a responsabilidade de representar minha orientadora na sustentação da dissertação.

Aos diretores e professores das escolas em que este estudo foi realizado. Fui muito bem recebida e acolhida para a realização deste trabalho.

Aos meus diretores das escolas onde trabalho, pela compreensão e redução de horário para que fosse possível cumprir todos os passos para a realização deste mestrado.

A todos que não citei aqui e que, de uma maneira ou de outra, tenham me ajudado, o meu muito obrigada.

RESUMO

TEIXEIRA, Gomes, Fernanda. ***Síndrome de Burnout* em profissionais da educação: um estudo com professores da rede municipal do ensino fundamental de Rio Grande/RS.** 2007. 83 folhas. Dissertação (Mestrado em Enfermagem/Saúde) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/Saúde, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande/RS.

Resumo: Atualmente é notório que a educação atravessa uma crise generalizada. Entretanto, ao falar em crise da educação leva-se em consideração principalmente à remuneração baixa dos profissionais, esquecendo-se de outras questões tão ou mais importantes como, por exemplo, a sobrecarga desses profissionais que acumulam papéis na prática diária e a falta de reconhecimento profissional pela sociedade. Além disso, existe ainda o relacionamento muitas vezes conflituoso com alunos, pais e direção das escolas, a competição entre colegas por melhores horários, melhores turmas, entre outros fatores. Todas essas são condições que permeiam o quotidiano dos professores, levando-os a desempenhar suas funções cada vez menos motivados e menos comprometidos e tornando-os mais suscetíveis a desenvolver a ***Síndrome de Burnout***. Este estudo tem como **objetivo** identificar manifestações sugestivas da ***Síndrome de Burnout*** em professores do ensino fundamental séries finais da cidade do Rio Grande/RS. Seu desenvolvimento foi orientado pela teoria bio-ecológica de Urie Bronfenbrenner, na qual os processos que ocorrem no dia a dia das pessoas, nos mais diferentes contextos, são vistos como fundamentais para o desenvolvimento, no caso deste estudo, da ***Síndrome de Burnout.*** **Metodologia**: é um estudo exploratório descritivo, qualitativo, cujos dados foram coletados entre julho e agosto de 2006, através de entrevistas semi estruturadas, realizadas com quinze professores que desempenham suas atividades em três escolas municipais da cidade de Rio Grande/RS. Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes e posteriormente transcritas na íntegra. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo. Os resultados foram agrupados em três categorias, as quais representam as três dimensões da ***Síndrome de Burnout*** referidas pela literatura: exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional. Essas categorias englobam alguns dos fatores que os professores participantes deste estudo referem como determinantes das manifestações que consideram como sugestivas de ***burnout,*** tais como o relacionamento difícil com alunos em decorrência da falta de limites destes, a falta de reconhecimento profissional por parte dos alunos, pais e sociedade, a excessiva jornada de trabalho, entre outros. **Conclusões.** O estudo revela manifestação sugestiva da ***Síndrome de Burnout*** entre os professores entrevistados e, principalmente, como estes sintomas se manifestam de acordo com as características individuais de cada professor. Estes resultados são discutidos no contexto de trabalho dos professores onde este estudo foi realizado.

Descritores: Síndrome de Burnout. Professores. Educação.

ABSTRACT

TEIXEIRA, Fernanda Gomes. ***Burnout Syndrome* and professionals in education: a study of elementary school teachers in city schools in Rio Grande, RS.** 2007. 83 pages. Thesis (Master's Program in Nursing/Health) – Post-graduation Program in Nursing/Health at Fundação Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande/RS, Brazil.

Abstract: It is clear that education is going through a broad crisis nowadays. However, whenever a crisis in education is mentioned, we usually refer to the low pay of the professionals, rather than other issues which are as important, or more important, than it. This is the case of some aspects analyzed in this study, such as teachers who are overworked because they perform many roles in their daily practice, the present education which imposed no limits on the students and makes it harder to learn, and the lack of recognition in the society these days. Besides, teachers may also have a conflicting relationship with students, parents, and the school principal/board. Another factor is the competition between students for a better schedule and groups. These are conditions which permeate the teachers' routine and make them carry out their task with less motivation and less commitment; thus, they become more susceptible to suffer from **Burnout Syndrome**. This study **aims at** identifying manifestations which indicate that elementary school teachers in Rio Grande, RS have got **Burnout Syndrome**. It was carried out with Urie Bronfenbrenner's PPCT model: people's everyday processes, in all contexts, are considered fundamental to know if **Burnout Syndrome** is affecting a professional. Regarding methodology, this is an exploratory and descriptive study which was carried out in July and August 2006, in some selected schools in Rio Grande, RS. Fifteen teachers took part in this study; data were collected in recorded interviews. They were transcribed afterwards; content analysis was applied to read the data. Results were grouped according to three categories which represent the dimensions of **Burnout Syndrome** mentioned in the literature: emotional exhaustion, depersonalization, and low professional accomplishment. These categories comprise some of the factors that lead to **Burnout Syndrome**, according to the teachers. These factors include the lack of limits in students' education, the lack of recognition for their work, and overwork. This study demonstrates that the symptoms suggest that the teachers who were interviewed have got **Burnout Syndrome** and shows that these symptoms reflect the teachers' individual characteristics. These results have been discussed in the context of the teachers' workplace, where this study was carried out.

Key words: Burnout Syndrome; Teachers; Education.

RESUMEN

TEIXEIRA Gomes, Fernanda. ***Síndrome de Burnout* en profesionales de la educación: un estudio con los profesores de la red municipal de la enseñananza fundamental de Río Grande/R.S.** 2007. 83 hojas. Disertación (Maestría en Enfermería/Salud) - Programa de Pós-Graduación en Enfermería/Salud, Fundación Universidad de Río Grande, Río Grande/RS.

Resumen: Actualmente es notorio que la educación atraviesa una crisis generalizada. Entretanto, al hablar en crisis de la educación se lleva en consideración principalmente la baja remuneración de los profesionales olvidandose de otras questiones tanto o más importantes comprobada en este estudio como por ejemplo la sobrecarga de estos mismos profesionales que acumulan papeles en su práctica diaria, a actual educación de los alunos sin límites, que dificulta el proceso de aprendizaje, la falta de reconocimiento profesional por la sociedad actual. A parte de esto, existe todavía el relacionamiento, muchas vezes conflictivo con los alumnos, padres y direción de las escuelas, la competición entre colegas por mejores horarios, mejores grupos de alumnos, entre otros factores. Todas estas son condiciones que permean el cotidiano de los profesores, llevandolos a desempeñar sus funciones cada vez menos motivados y menos comprometidos con su oficio, dejándolos más suceptibles de desarrollar la ***Sindrome de Burnout.*** Este estudio tiene como **objetivo** identificar manifestaciones sugestivas de la ***Sindrome de Burnout*** en los profesores de la enseñanza fundamental, clases finales, de la ciudad de Río Grande/RS. Su desarrollo fué realizado con base en el modelo PPCT de Urie Bronfenbrenner, en el cual los procesos que ocurren en el día a día de las personas en los más diferentes contextos son vistos como fundamentales para el desenvolvimiento de la ***Sindrome de Burnout*** en este estudio. **Metodología.** Es un estudio exploratorio, descriptivo, cualitativo, desarrollado entre julio y agosto del 2006, en escuelas seleccionadas, localizadas en la ciudad de Río Grande. Quince profesores participaron de este estudio cuyos datos fueron colectados en la medida en que fueron hechas las entrevistas. Todas las entrevistas fueron gravadas y posteriormente transcriptas na íntegra. Para la lectura de los datos fué utilizada la técnica del análisis de contenido. Los resultados fueron agrupados en tres categorías, las cuales representan las tres dimensiones de la ***Sindrome de Burnout*** referidas por la literatura: exhausción emocional, despersonalización y baja realización profesional. Las categorías engloban algunos de los factores que los profesores relatan como responsables por la incidencia de ***Bournout*** en los profesionales de la educación como la falta de límites de los alumnos, la falta del reconocimiento profesional por parte de los alumnos, padres y sociedad, la excesiva jornada de trabajo, entre otros factores. **Conclusiones.**El estudio atestigua la manifestación sugestiva de los sintomas de la ***Sindrome de Burnout*** en los profesores entrevistados y muestra principalmente como estos sintomas se manifiestan de acuerdo con las característivas individuales de cada profesor. Estos resultados son discutidos en el contexto de trabajo de los profesores donde este estudio fué realizado.

Descriptores: Sindrome de Burnout. Profesores. Educación.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização do perfil individual dos participantes.....44

Quadro 2 – Perfil sócio econômico dos participantes.....45

Quadro 3. Perfil profissional dos participantes.....47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição das escolas em Rio Grande/RS.....42

Tabelas 2 - Licenças deferidas aos professores em 2006, em Rio Grande/RS.....43

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO..... 13

Questão de Pesquisa..... 18

Objetivo do Estudo..... 18

CAPÍTULO II

REVISÃO DE LITERATURA..... 19

Concepções Teóricas da *Síndrome de Burnout*..... 26

Programas Preventivos de Enfrentamento da *Síndrome de Burnout*..... 28

A *Síndrome de Burnout* nas Profissões da Área da Saúde..... 33

CAPÍTULO III

REFERENCIAL TEÓRICO.....,,,..... 36

O Modelo Processo, Pessoa, Contexto e Tempo..... 37

CAPÍTULO IV

METODOLOGIA..... 41

Tipo de Estudo..... 41

Caracterização do Contexto..... 42

Participantes do Estudo..... 43

Coleta dos Dados..... 48

Análise dos Dados..... 48

Aspectos Éticos da Pesquisa..... 50

CAPÍTULO V

RESULTADOS E DISCUSSÃO 51

Categoria 1: Exaustão Emocional..... 51

Categoria 2: Despersonalização..... 59

Categoria 3: Baixa Realização Profissional..... 63

CAPÍTULO VI
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 70

REFERENCIAS.....73

APÊNDICES

Apêndice 1: Instrumento para Coleta de Dados/Questionário

Apêndice 2: Questões Norteadoras para a Entrevista

Apêndice 3: Solicitação de Autorização para Realização do Estudo a Secretária Municipal de Educação

Apêndice 4: Solicitação de Autorização para a Realização do Estudo às Direções das Escolas

Apêndice 5 Consentimento Livre e Esclarecido

ANEXO

Aprovação do Projeto pelo Comitê de Ética

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Como professora de Educação Física atuante em escola da rede estadual no município de Rio Grande/RS há cinco anos, tenho observado que minha prática pedagógica tem se constituído em uma fonte de frustração, na medida em que a realidade do que posso desempenhar na escola se distancia cada vez mais do projeto de educação que idealizei. O sonho de recém-formada, no qual ensinar era um objetivo a alcançar sem pensar nas dificuldades que apareceriam ao longo do tempo, fica cada vez mais distante à medida que o enfrentamento do quotidiano escolar se torna mais difícil e presente.

Atualmente é notório que a educação atravessa uma crise generalizada. Entretanto, ao falar em crise da educação leva-se em consideração principalmente à remuneração baixa dos profissionais, esquecendo-se de outras questões tão ou mais importantes, como a sobrecarga desses profissionais, as condições materiais inadequadas para o desempenho de suas atividades como, por exemplo, a falta de mobiliário, a insuficiência de material didático, salas de aula pequenas e o número excessivamente alto de alunos por turma. Além disso, existe ainda o relacionamento muitas vezes conflituoso com alunos, pais e direção das escolas, a competição entre colegas por melhores horários, melhores turmas, entre outros fatores. Todas essas são condições que permeiam o quotidiano dos professores, levando-os a desempenhar suas funções cada vez menos motivados e menos comprometidos com seu ofício.

Ao mesmo tempo, o nível de exigência e de tensão para o professor se torna ainda maior porque todos esses fatores em conjunto se potencializam e interferem de forma negativa no processo ensino-aprendizagem e na relação com seus alunos, em conseqüência do desgaste emocional. O enfrentamento diário dessas condições acarreta, sem dúvida, um estresse constante, que pode levar os professores a

desenvolver o que Freundenberger (apud CODO, 1999) denomina ***Síndrome de Burnout.***

Maslach e Jackson (1981) caracterizam essa síndrome como uma reação à tensão emocional crônica gerada a partir do contato direto e permanente com outros seres humanos, principalmente quando estes estão preocupados ou com problemas. Complementando dizem que os profissionais das áreas da saúde e da educação estão mais suscetíveis ao ***burnout.*** Demo (1997), chega a mencionar que nenhuma profissão se desgasta mais rapidamente que a do professor.

O ***burnout*** acontece em profissões que têm grande contato com outras pessoas. Dentre elas, Figueroa e Veliz-Caquias (1992) citam as atividades de policiais, enfermeiros, professores, terapeutas ocupacionais, psicoterapeutas e outros relacionados à saúde mental. Por essa razão, é coerente afirmar que a ***Síndrome de Burnout*** está intimamente ligada às profissões do cuidado e da formação, devendo, portanto, ser compreendida a partir de um contexto multidisciplinar, envolvendo diferentes níveis de tratamento.

Candeias (1997) concorda com esse conceito multidimensional e acrescenta dizendo que as ações tanto da Educação Física como das outras áreas da saúde e também da educação devem conter programas de promoção da saúde que combinem a interligação dos múltiplos determinantes de saúde (fatores genéticos, ambientais, serviços de saúde e estilos de vida), com múltiplas intervenções e fontes de apoio. O autor considera como apoio no âmbito educacional a educação em saúde caracterizada por quaisquer combinações de experiências de aprendizagem delineadas com vistas a facilitar ações voluntárias conducentes à saúde, e como apoio ambiental às circunstâncias sociais, políticas, econômicas, organizacionais e reguladoras, relacionadas ao comportamento humano, assim como a todas as políticas de ação mais diretamente relacionadas à saúde.

A ***Síndrome de Burnout*** ocorre mais freqüentemente em indivíduos altamente motivados e jovens, que reagem ao estresse laboral trabalhando ainda mais até que entram em colapso, especialmente entre profissionais que não atingiram os trinta anos, pois eles, em geral, ainda não aprenderam a lidar com as frustrações e com as tensões diárias decorrentes da profissão (CODO, 1999; MASLACH, SHAUFELI e LEITER,

2001). Entretanto, Firth (1985) e Codo (1999) chamam a atenção que pode acometer, também, os profissionais com mais tempo de carreira, visto que pode vir a exteriorizar-se após o acúmulo de um estresse crônico ao longo dos anos de trabalho.

Essa síndrome foi definida por Maslach e Jackson (1981) através de três dimensões. A primeira, a **exaustão emocional**, surge quando o trabalhador (que no caso deste estudo é o professor) percebe sua energia esgotada devido ao contato e o cuidado diário com os problemas dos alunos, além dos seus próprios. A segunda, a **despersonalização**, quando ocorre um "endurecimento" afetivo e o professor passa a ter atitudes negativas com seus alunos. A terceira, a **baixa realização profissional**, quando o professor não desenvolve seu trabalho com habilidade nem com os alunos e familiares, nem com a própria organização, além de não perceber seu trabalho como algo valorizado e reconhecido o que, via de regra, gera insatisfação profissional (CODO e VASQUES-MENEZES, 1999).

Os sintomas da ***Síndrome de Burnout*** são classificados por Benevides-Pereira (2002) como físicos, psíquicos, comportamentais e defensivos. Os sintomas físicos manifestam-se através de fadiga constante e progressiva, dores musculares, distúrbios de sono, cefaléias, perturbações gastrintestinais, disfunções sexuais. Os psíquicos incluem a falta de atenção, alterações de memória, "perda de agilidade mental", sentimentos de alienação, solidão, impotência, disforia, depressão, entre outros. Dentre os sintomas comportamentais, o autor cita a negligência, irritabilidade, aumento da agressividade, incapacidade de relaxar, perda de iniciativa, podendo chegar até mesmo a um comportamento de alto risco. Já os sintomas defensivos referidos incluem a tendência ao isolamento, sentimento de onipotência, absenteísmo no trabalho, ironia para tratar com as pessoas e perda do interesse pelo trabalho e até mesmo pelo lazer.

Cury (2003) realizou uma pesquisa com o propósito de verificar a presença de sintomas de estresse em um grupo de professores e constatou que, somente no Brasil, 92% dos professores apresentam três ou mais sintomas decorrentes de estresse, 41% manifestam dez ou mais sintomas, incluindo depressão, ansiedade, insônia, entre outros. Com base nesse estudo, o autor conclui que se faz necessário reformular o ambiente escolar, oferecendo melhores condições de trabalho para que o profissional da educação possa desempenhar suas funções com competência e saúde, reduzindo a

possibilidade de desenvolver as doenças decorrentes do estresse, incluindo aí a ***Síndrome de Burnout***.

O interesse em estudar o tema **"*Síndrome de Burnout*"** com ênfase nos professores vem sendo uma constante em minha vida à medida que constato no quotidiano da prática profissional que esses profissionais estão cada vez mais desmotivados, frustrados e apáticos com seu trabalho. Suas queixas mais freqüentes estão ligadas à falta de apoio dos pais na educação dos filhos e à conseqüente sobrecarga de exigências sobre o professor; à constante troca de políticas governamentais que dificultam seu trabalho; à excessiva jornada de trabalho que são obrigados a realizar para manter uma melhor condição de vida. São problemas que não se restringem apenas à vida profissional, mas também a sua vida pessoal e familiar.

No âmbito profissional as conseqüências desses problemas incidem diretamente no desempenho do professor na medida em que ele muda seu comportamento em sala de aula, reduzindo, por exemplo, a explicação dos conteúdos, estando constantemente desmotivado, expondo sua aula de forma mais rígida, tratando seus alunos com atitudes negativas e se afastando emocionalmente dos mesmos (ZARAGOZA,1999). Do ponto de vista pessoal é relevante salientar que o professor em ***burnout*** perde também o interesse pelas suas atividades diárias dentro de casa, assim como o interesse em lazer e a motivação para a interação com os amigos (CODO, 1999).

No que se refere ao ambiente escolar, as conseqüências do ***burnout*** incidem de forma negativa no alcance dos objetivos pedagógicos propostos pela instituição de ensino, além de propiciar um elevado nível de absenteísmo dos professores, que não se envolvem com seu local de trabalho. Essa postura do profissional em ***burnout*** serve, em geral, como uma tentativa de proteção contra a tensão gerada pelo quotidiano escolar. Porém, dessa forma, o problema se agrava ainda mais, aumentando seu sentimento de frustração e fracasso, podendo chegar até mesmo à desistência da carreira do magistério (ZARAGOZA, 1999).

Para compreender a ***Sindrome de Burnout*** no quotidiano dos professores atualmente, é necessário levar em conta que o contexto educacional mudou muito se comparado ao de alguns anos atrás. Historicamente os professores eram vistos como profissionais de grande importância para a sociedade mas, gradativamente, foram

perdendo esse *status.* Assim, as mudanças sociais, econômicas e culturais têm forte influência no desenvolvimento de sintomas sugestivos de ***burnout*** e, conseqüentemente, na elevação dos índices que retratam sua propagação, nos últimos tempos, como foi detectado no estudo de Cury (2003).

A realidade dos professores que participaram do referido estudo mostra que a classe do magistério vivencia atualmente a falta de reconhecimento profissional, é mal remunerada e conseqüentemente desprestigiada. O salário médio que recebem em Rio Grande/RS é de R$ 600,00 por mês, correspondendo a 20 horas semanais de trabalho. Esta condição os obriga a ter vários empregos e trabalhar em diversos estabelecimentos para aumentar seu salário e garantir o sustento de suas famílias. Para reforçar tal idéia, dados da Secretaria Municipal de Educação (SMEC) revelam que existem 1690 professores na rede municipal de ensino e 142 estão afastados por licenças diversas.

Essas considerações mostram que a ***Síndrome de Burnout*** é um problema importante que pode estar sendo enfrentado por um grande número de profissionais devendo, portanto, ser objeto de preocupação não apenas dos estudiosos das áreas da educação e da saúde, mas, especialmente das instâncias sociais e políticas responsáveis pelos trabalhadores dessas áreas. A responsabilidade com relação ao enfrentamento do problema em questão se intensifica justamente pelo fato de o professor ser um profissional que desempenha um papel fundamental no processo do desenvolvimento humano, com a missão de educar para a vida e de formar cidadãos críticos para atuar na sociedade. Apesar dessa importância, na região onde a presente pesquisa está sendo desenvolvida, até o momento, não foram encontrados estudos nem outros registros que demonstrem a preocupação com a ***Síndrome de Burnout****.*

Este estudo é desenvolvido justamente com o propósito de buscar elementos que possam contribuir para preencher a lacuna detectada no âmbito local. Constitui-se em uma etapa inicial do processo de construção do conhecimento acerca do problema, na qual a prioridade é buscar subsídios que possam dar sustentação para que, posteriormente, na continuidade dos estudos, seja possível pensar-se em estratégias de enfrentamento da ***Síndrome de Burnout****.*

Questão de Pesquisa:

Os professores da rede municipal de ensino séries finais da cidade do Rio Grande estão desenvolvendo manifestações que possam ser sugestivas da ***Síndrome de Burnout****?*

Objetivo do Estudo:

Identificar manifestações sugestivas da ***Síndrome de Burnout*** *em professores do ensino fundamental séries finais da cidade do Rio Grande/RS*.

CAPÍTULO II

REVISÃO DE LITERATURA

O estresse é um problema dos tempos modernos – os horários são desrespeitados, não dormimos bem e não reservamos tempo para o lazer. É o resultado de um estilo de vida no qual a fadiga crônica é uma ameaça diária. Há preocupação constante em realizar várias tarefas ao dia, principalmente para as mulheres com dupla jornada de trabalho, que precisam conciliar suas atividades da vida familiar e do trabalho. Segundo Selye (1965), o estresse é uma reação normal e indispensável para a sobrevivência humana, sem o qual não há preparo para enfrentar uma situação de grande perigo ou uma emoção muito forte.

Existem três fases no processo de estresse: reação de alarme, etapa de resistência e etapa de esgotamento. A primeira é a fase em que o organismo é exposto ao agente agressor. Quando este é considerado inofensivo, o organismo recupera a homeostase natural. O problema se apresenta quando, apesar de detectar a não existência de ameaça, o equilíbrio não é recuperado. Neste caso, começa a fase da resistência quando, então, o organismo se adapta ao agente agressor, e persistindo a falta da homeostase evolui para a fase do esgotamento, que leva o indivíduo a desenvolver vários sintomas, ocorrendo a deteriorização do organismo (BENEVIDES-PEREIRA, 2002).

O estresse nem sempre é nocivo ao organismo. Quando sua intensidade é positiva, controlada faz com que possibilite um estímulo e crescimento ao indivíduo, assumindo um caráter positivo e é chamado de eustresse. Porém, quando o agente estressor tem um caráter negativo, nocivo, tornando-se prolongado, é denominado de distresse (SELYE, 1965).

Especialmente o estresse ocupacional – aquele decorrente do trabalho – vem chamando a atenção nas últimas décadas, o que pode ser observado no aumento crescente de pesquisas na área da saúde e da educação. Codo (1999) considera que o estresse ocupacional se manifesta quando as exigências da situação excedem os

recursos, desejos ou capacidades do trabalhador, isto é, quando há uma divergência entre os objetivos do profissional e as exigências colocadas pela organização na qual trabalha.

Ainda falando de estresse ocupacional, esse autor considera o mesmo quando um indivíduo percebe que seu ambiente de trabalho é ameaçador, que tem demandas excessivas, e que esse profissional não consegue por falta de recursos desenvolver seu trabalho, que suas necessidades de realização pessoal e profissional e/ou sua saúde física ou mental prejudicam esse trabalho porque ele percebe que não tem recursos adequados para enfrentar tais situações.

Trazendo para a discussão a realidade escolar, Codo (1999) acrescenta outros fatores que geram estresse e que podem estar associados a tal realidade: problemas de disciplina na escola, violência, a falta de segurança, uma administração insensível aos problemas do professor, burocracia que entrava o processo de trabalho, pais omissos, transferências involuntárias, críticas da opinião pública, classes superlotadas, falta de autonomia, salários inadequados, falta de perspectivas de ascensão na carreira, falta de uma rede social de apoio, além de um preparo inadequado (CODO, 1999).

Além disso, no caso do professor, um fator importante que deve ser levado em consideração é o fato de esse profissional estabelecer vínculos afetivos com seu aluno, o que torna a realidade ainda mais problematizadora (CODO e GAZZOTTI, 1999). È fundamental na atuação profissional que o professor estabeleça esse vínculo emocional para promover o bem-estar do aluno. Para que o professor desempenhe seu trabalho de forma a atingir seus objetivos, o estabelecimento do vínculo é praticamente obrigatório. Segundo Codo e Gazzotti:

> *atualmente os professores vêm sendo chamados de care-givers, doadores de cuidado, como os enfermeiros e assistentes sociais: um trabalho onde a atenção particularizada ao outro atua como um diferencial entre fazer e não fazer sua obrigação. É um trabalho que não pode ser taylorizado, este trabalho de educar ou leva em conta os vínculos afetivos com os alunos, com o produto, as tarefas, ou simplesmente não se viabiliza (1999, p. 51).*

O ofício de educar pode ser considerado um trabalho complexo, por não haver fragmentação das tarefas do professor, por ser o próprio professor quem controla seu processo produtivo, mas ao mesmo tempo é um dos mais delicados no que se refere ao envolvimento emocional. A troca de experiências com os alunos, a constante exposição a fenômenos de violência, drogas e desvio de conduta destes, aliada à função de desempenhar um bom trabalho, coloca os professores como uma das principais categorias a desenvolverem problemas relacionados a estresse. Schaufeli et al. (apud CODO, 1999) chegam a afirmar que este é o principal problema dos profissionais da educação.

Os agentes estressantes ligados ao trabalho têm origens diversas: condições externas (economia política) e exigências culturais (cobrança social e familiar). Peiró (1986) aponta a condição interior (emoções, sentimentos, sensações internas e pessoais) como a mais importante fonte de tensão. Além disso, explicita como estressores do ambiente físico: ruído, iluminação, temperatura, higiene, intoxicação, clima e disposição do espaço físico para o trabalho (ergonomia); e como principais demandas estressantes: trabalho por turnos, trabalho noturno, sobrecarga de trabalho, exposição a riscos.

Benevides-Pereira (2002) acrescenta, além dos estressores físicos, os estressores cognitivos, que seriam os que ameaçam a integridade do indivíduo, e os emocionais, provenientes do sentimento de perda, em que o componente afetivo se faz mais proeminente. Já os agentes estressores do ambiente escolar se assemelham com o que dizem esses autores. Para os professores, o ambiente físico, principalmente nas escolas públicas municipais é, em geral, inadequado. As salas de aula são pequenas, mal-iluminadas, empoeiradas, com barulho constante das outras salas, do pátio, onde se concentram alunos dispersos e muitas vezes aulas práticas. Benevides-Pereira (2002) acrescenta, ainda, como principais demandas estressantes enfrentadas pela maior parte dos professores, o trabalho noturno, a sobrecarga de trabalho e a exposição a perigos de violência. A soma desses fatores influencia e ameaça a integridade emocional do professor e como nos ensina Benevides-Pereira (2002), colocando-o cada vez mais exposto ao estresse laboral, de modo que pode ser identificado como uma classe com um profundo sentimento de frustração e exaustão

em relação ao trabalho que desempenha e, conseqüentemente, estando mais suscetível a desenvolver ***burnout***.

Nesse contexto, o sentimento de frustração e exaustão pode ser chamado de ***burnout***, termo que surgiu na década de 70 como uma forma de exprimir o sentimento de profissionais que trabalhavam com dependentes químicos. Observava-se sofrimento nesses profissionais, os quais referiam que seus pacientes não se esforçavam para abandonar as drogas, fato que os desmotivava muito. A partir de 1976 é que os estudos sobre a ***Síndrome de Burnout*** foram adquirindo um caráter científico, uma vez que foram sendo construídos modelos teóricos e instrumentos capazes de registrar e compreender esse sentimento crônico de desânimo, apatia e despersonalização. Cristina Maslach, psicóloga social, Ayala Pines e Cary Cherniss foram os estudiosos que popularizaram o conceito de ***burnout*** e o legitimaram como uma importante questão social (CODO, 1999). Atualmente o Ministério da Saúde Brasil (2001) reconhece a ***Síndrome de Burnout*** como uma das doenças relacionadas ao trabalho incluída no grupo V da CID-10 (referente a transtornos mentais e do comportamento relacionado ao trabalho), código Z73.0.

Burnout é um termo inglês que significa queimar até a última cinza, até a exaustão. Sua manifestação inicia com uma inquietação que aumenta à medida que a alegria de trabalhar gradativamente vai desaparecendo. Trata-se de uma resposta ao estresse crônico que compreende a experiência de encontrar-se emocionalmente esgotado, além do desenvolvimento de atitudes e sentimentos negativos para com as pessoas com quem trabalha, bem como com seu próprio papel profissional (CODO, 1999). Completando o conceito, Benevides-Pereira (2002) atesta para a diferença de estresse e ***burnout.*** O estresse é um processo temporário de adaptação física e mental para que o organismo volte a estar em equilíbrio e não caracteriza atitudes negativas com seus usuários como o ***burnout.***

Burnout é, portanto, o nome atribuído à dor de um profissional dividido entre o que pode fazer e o que efetivamente consegue fazer; entre o que deve fazer e o que efetivamente pode, entre o céu de possibilidades e o inferno dos limites estruturais, entre a vitória e a frustração (VASQUES-MENEZES e GAZZOTTI, 1999). Soma-se o fato de ser a ***Síndrome de Burnout*** considerada também como uma desistência de

quem ainda está em uma situação de trabalho que não pode suportar, mas que também não pode desistir. O trabalhador arma inconscientemente uma retirada psicológica, um modo de abandonar o trabalho apesar de continuar no posto (CODO e VASQUES-MENEZES, 1999).

Lipp (2003) afirma que geralmente são os colegas, os amigos e a família que observam os primeiros sinais de alarme de ***burnout***. Os sintomas podem ser de natureza psicossocial e/ou psicossomática. O professor que antes preparava aulas e se entusiasmava com seu trabalho começa a não se importar com o resultado de seu esforço, começa a tratar as pessoas com apatia e desânimo, não freqüenta mais grupos sociais e procura cada vez mais se afastar dos colegas. Do ponto de vista psicossomático/físico, mostra-se freqüentemente cansado, esgotado, com alergias, insônia, com queixas de dores nas mais variadas partes do corpo, entre outros. Por outro lado, em termos comportamentais observa-se frustração, raiva, insatisfação, ansiedade, depressão. Assim, **burnout** é um estado de estresse que aglutina fatores externos e internos e aos poucos vai comprometendo a saúde mental dos profissionais.

As três dimensões mais aceitas e que caracterizam os sintomas da ***Síndrome de Burnout*** são: a **despersonalização**, **exaustão emocional** e **Baixa Realização Profissional**, que podem aparecer associados mas são independentes.

A despersonalização manifesta-se a partir da perda do afeto pelo aluno, quando o vínculo afetivo é substituído por um racional. Geralmente o professor manifesta atitudes negativas, frias, depreciativas, atribuindo seu próprio fracasso aos alunos. Codo (1999) relata que acontece um endurecimento afetivo, a *coisificação da relação.* Carlotto e Câmara (2004) afirmam que o profissional passa a tratar o cliente e seus colegas como objeto, sem envolvimento.

A **exaustão emocional** se caracteriza nas relações que incluem cuidados, possibilitando o desgaste do vínculo afetivo entre as pessoas envolvidas. É uma situação de total esgotamento da energia física e/ou mental. É uma situação em que os profissionais sentem que não podem dar mais de si mesmos em nível afetivo, percebem que sua energia está esgotada devido ao contato e troca de afeto diário com pessoas (CODO, 1999).

A exaustão emocional é considerada como a primeira etapa e o fator central da ***Síndrome de Burnout***. Devido a sua natureza afetiva e às características que compartilha com outros estados de fadiga crônica, a exaustão emocional pode apresentar-se em diferentes tipos de categorias ocupacionais que lidam com condições de trabalho estressantes. Moreno-Jimenez et al. (2002) dizem que depois de uma interação intensiva com os alunos, os docentes demonstram desgaste de suas energias emocionais e já não têm o mesmo entusiasmo do início da carreira.

A terceira característica da síndrome é a **Baixa Realização Profissional**. Nessa dimensão os professores se sentem incompetentes, com dificuldades de interagir com êxito tanto com os alunos como com os colegas e com o ambiente de trabalho (CODO, 1999).

Estudos desenvolvidos por Maslach e Leiter (1999) mostram que professores com menos de trinta anos apresentam maior risco de ***burnout*,** provavelmente devido às expectativas irrealistas em relação à profissão, e também em decorrência da demanda de trabalho com que estão aprendendo a lidar. Os mesmos autores verificaram que quanto maior o tempo de magistério do professor, menor eram os níveis de ***burnout***, e o nível em que ele atua propicia o aparecimento da síndrome. Professores do ensino fundamental e médio apresentam mais características negativas do que professores do ensino infantil.

Soratto e Pinto (1999) complementam dizendo que os perfis dos professores podem ser diferentes. Para os autores, os professores mais antigos podem estar desenvolvendo ***burnout,*** mas continuam satisfeitos e comprometidos. Sofrem com os sintomas, mas continuam presentes, sem abandonar seus postos de trabalho. Todavia, os mais jovens também sofrem, mas, diferentemente dos mais velhos, desenvolvem atitudes desfavoráveis. Para os autores:

> *Gerações diferentes, motivações diferentes. A deterioração, a crise que atingiu o ofício de educar, o rebaixamento salarial e de status sofrido pela categoria pode estar atingindo diferentemente os mais antigos e os mais jovens (1999, p. 280).*

Estudo realizado pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) e pela Universidade de Brasília (UnB), que ouviu 52.000 profissionais de ensino

de 1.440 escolas de primeiro e segundo graus em todos os estados brasileiros, revela que pelo menos metade dos professores da rede pública de ensino do Brasil está sofrendo de distúrbios emocionais. Nessa pesquisa existem dados conflitantes sobre a educação. A escola é considerada como uma empresa onde o profissional que nela trabalha não tem muito que almejar. Os salários são baixos, a carga horária é excessiva, precisa levar trabalho para casa, as turmas de alunos excedem o que seria ideal para o professor lecionar, o trabalho do professor é desvalorizado pela sociedade e cada vez mais os recursos para o trabalho estão escassos, sem contar a progressão na carreira, que se dá apenas por anos de magistério e com limitações de especialização, não sendo levada em consideração a competência ou não do profissional atuante.

Contrariando essa realidade, o professor que ainda não desenvolve os sintomas da ***Síndrome de Burnout*** se mostra um profissional extremamente comprometido. Dados dessa mesma pesquisa mostram que 90% dos professores dizem ter controle sobre seu trabalho, mais de 90% acreditam que seu trabalho é de vital importância para a sociedade e que depende deles a realização de um bom trabalho. Isso significa que, apesar das condições desfavoráveis, muitos professores sentem estar realizando um bom trabalho e conseqüentemente estão mais distantes dos riscos de desenvolver ***burnout.*** Mas, mesmo sendo este um percentual alto de professores comprometidos, 10% de professores em ***burnout*** trabalhando em sala de aula é um número altíssimo de professores sem condições de lecionar. A que custo esses profissionais estão realizando seu ofício? O profissional está desenvolvendo *burnout* por vários e diferentes fatores que já foram relatados, mas não podemos deixar de mencionar a falta de reconhecimento profissional por parte da sociedade e até por ele próprio num estágio mais avançado. Para Codo:

> *Quando o trabalhador sente o produto do seu trabalho como não importante, aumentam os sentimentos de burnout. O resultado é previsível; a desistência simbólica do burnout deve ser mais provável quanto maior for o sentimento de que o trabalho é inútil. (1999, p. 294).*

Os pesquisadores Codo e Vasques-Menezes (1999) afirmam que a razão para a incidência da síndrome está ligada, sobretudo, à falta de reconhecimento profissional. A desvalorização do professor seja por parte do sistema educacional, dos alunos ou da sociedade, é um dos maiores agentes para a ocorrência do ***burnout*.**

O mesmo estudo relata um dado extremamente preocupante: 48% dos profissionais de ensino, incluindo aí funcionários administrativos, merendeiras e vigias já apresentam ou apresentaram muitas vezes, sintomas de angústia, depressão, fadiga, distúrbios gastrintestinais, insônia e alergias. O resultado é um número cada vez maior de profissionais do ensino demonstrando atitudes negativas frente aos alunos e revelando um flagrante desinteresse pelo seu trabalho, deixando-os mais próximos de desenvolver ***burnout*.**

Para Yale apud Codo (1999), que pesquisou sobre ***burnout*** e o afastamento do profissional da educação de seu trabalho, o grande motivo para isso é o fato do professor sentir a falta de respeito ao seu trabalho. Ela concorda com os autores acima citados e argumenta que a docência é uma profissão que não tem reconhecimento profissional.

Muitos estudos vêm tentando identificar as causas do ***burnout*** especificamente na população de professores. Farber apud Benevides-Pereira (2002) parte do pressuposto de que as causas são uma combinação de fatores individuais, organizacionais e sociais, e essa interação poderia produzir uma percepção de baixa valorização profissional, tendo como resultado o ***burnout,*** e por esses motivos a síndrome também ocorreria em profissionais da saúde, como enfermeiros, por exemplo, que também sentem seu trabalho não-valorizado e convivem diariamente com pessoas que necessitam de cuidados, além de estarem permanentemente em um ambiente estressante.

Concepções Teóricas da Síndrome de Burnout

Existem quatro concepções diferentes para enxergar o ***burnout***: clínica, organizacional, sócio-histórica e sociopsicológica. A concepção clínica, defendida pelo psicanalista Freudenberger, considera que a ***Síndrome de Burnout*** é caracterizada por

alguns sintomas como a fadiga crônica e a baixa auto-estima, que pode levar a pessoa a desenvolver depressão e chegar até ao suicídio. Nessa linha de pensamento a ênfase recai nos sintomas físicos (CODO e VASQUES-MENEZES, 1999).

A concepção organizacional apoiada por Cherniss apud Benevides-Pereira (2002) preconiza que os agentes estressores organizacionais são desencadeantes do processo do ***burnout***. Consideram que as dimensões apresentadas na síndrome (exaustão emocional, despersonalização e reduzida realização profissional) são mecanismos de enfrentamento. Complementando as idéias da autora, Codo e Vasques-Menezes (1999) argumentam que os sintomas que compõem a ***Síndrome de Burnout*** são respostas possíveis para um trabalho estressante, frustrante ou monótono.

A concepção sócio-histórica prioriza o papel da sociedade, cada vez mais individualista e competitiva no desenvolvimento da síndrome, muito mais que os fatores pessoais ou institucionais. Segundo Carlotto (2002), a principal representante dessa corrente de pensamento é Sarandon. Quando as condições sociais não canalizam o interesse de uma pessoa para ajudar outra, é difícil manter o comprometimento no trabalho e servir aos demais (CODO e VASQUES-MENEZES, 1999). De acordo com Woods (1999), o estresse e ***burnout*** em professores são abordados a partir de fatores situados em níveis micro (situam-se dentro da biografia da pessoal e profissional do professor, comprometimento, valores, carreira e papéis desenvolvidos), meso (tipo de escola, aspectos éticos da mesma, aspectos culturais do professor e dos alunos) e macro (todas as forças derivadas das tendências globais e políticas governamentais). “Estes níveis, em interação, desencadeariam o processo de “desprofissionalização” caracterizado pela proletarização do trabalho dos profissionais da educação” (CARLOTTO, 2002, p.191).

A concepção sociopsicológica cuja compreensão foi aprofundada pelas psicólogas Christina Maslach e Susan Jackson compreende que a ***Síndrome de Burnout*** acontece através de uma interação dos aspectos individuais somados às condições de trabalho. Essa visão multidimensional da síndrome é compartilhada pela maioria dos autores, embora alguns discordem quanto à ordem e aparecimento de cada uma das dimensões no desenvolvimento do processo (CARLOTTO, 2002).

Programas Preventivos de Enfrentamento da *Síndrome de Burnout*

Os programas que visam não apenas à prevenção da ***Síndrome de Burnout***, mas à promoção da saúde em seus aspectos mais amplos devem ter como prioridade uma combinação de apoios educacionais e ambientais para atingir ações e condições de vida conducentes à saúde, sendo que essa combinação deve se referir à necessidade de mesclar os múltiplos determinantes da saúde (fatores genéticos, ambiente, serviços de saúde e estilo de vida), com múltiplas intervenções ou fontes de apoio, de maneira a promover saúde (CANDEIAS, 1997).

Segundo a Organização Pan-americana de Saúde (OPAS, 2002), a promoção de saúde deve conter a implementação de ações visando a um resultado concreto em longo prazo, mas com efeitos a médio e curto prazo, compreendendo a participação dos cidadãos e da comunidade para assim melhorarem sua qualidade de vida e conseqüentemente promoverem saúde. Tais ações devem ir além das questões técnicas na área da saúde, destinando-se a promover um amplo conceito de saúde, baseado no desenvolvimento humano e na qualidade de vida aceitável. Uma concepção de saúde como um estado de bem-estar geral das pessoas, que implica a promoção da saúde como veículo para uma consciência sanitária que transcenda a preocupação com a cura e inclua a prevenção, a informação e o conhecimento para uma vida saudável.

A Organização em questão tem enfatizado a atuação em cinco campos de ação: o estabelecimento de políticas públicas saudáveis, a criação de condições de vida, habitação digna, aquisição de atitudes pessoais e a reorientação dos serviços de saúde. Tem-se assim, a ampliação da definição de promoção de saúde, mostrando-se em interações complexas, constituídas pela cultura, normas e pelo ambiente socioeconômico, cada um deles associando-se com o significado histórico mais amplo do que se convencionou denominar estilo de vida (CANDEIAS, 1997). Percebe-se que para alcançar a promoção da saúde, ações educativas e preventivas devem ser implementadas, entendendo-se por prevenção ações que evitem ou minimizem os problemas de saúde, podendo-se dar em nível primário, secundário e terciário (NETTINA, 2003).

Nettina (2003) classifica a prevenção primária como aquela que se realiza para evitar os problemas de saúde, também envolvendo a promoção desta, como por exemplo, a realização de exercícios físicos, dietas balanceadas, não fumar, entre outros; a prevenção secundária é o reconhecimento precoce de doenças e a adoção de medidas para acelerar o processo de recuperação, evitando complicações, como o auto-exame das mamas, realização de mamografias, entre outras; e a prevenção terciária é o cuidado para minimizar os efeitos dos problemas de saúde e evitar complicações em longo prazo, ou seja, engloba a manutenção da saúde, apesar da doença e da incapacidade instalada, prevenindo um declínio de saúde posterior.

Para Nettina (2003), é fundamental a importância da prática de exercícios físicos como prevenção primária e promoção da saúde. O autor salienta também que a promoção vai além das ações de prevenção e incluem ainda encorajar mudanças de comportamento bem como a comunicação de informações relacionadas à saúde e aos estilos de vida.

Ao nos referirmos especificamente à ***burnout,*** a literatura identifica diferentes tipos de programas de promoção à saúde. Em geral, tais programas são preventivos e procuram enfocar três níveis: os programas centrados na resposta do indivíduo, os programas centrados no contexto laboral e os programas centrados na interação do contexto ocupacional e o indivíduo (MORENO-JIMENEZ et al., 2002).

Os programas centrados na resposta do indivíduo consistem basicamente no aprendizado do trabalhador no que diz respeito a buscar estratégias de enfrentamento das situações estressantes. Focaliza-se a intervenção nas respostas das pessoas, sem mudar o contexto ocupacional. Algumas sugestões podem ser seguidas como, por exemplo, o desenvolvimento de condutas que neutralizam a fonte geradora de estresse, treinamento em soluções de problemas, manejo eficaz do seu tempo, desconexão do trabalho fora da jornada laboral, prática de técnicas de relaxamento, realização de pequenos descansos durante o trabalho, elaboração de objetivos reais e fáceis de atingir. A intervenção centrada na resposta do sujeito tem como objetivo que este aprenda a enfrentar de maneira adaptativa as situações estressantes. Primeiramente se faz necessário que o indivíduo conheça o problema para posteriormente utilizar formas de enfrentamento (MORENO-JIMENEZ et al., 2002).

Os programas centrados no contexto laboral têm como objetivo melhorar a organização do trabalho e as relações interpessoais dentro da instituição, enfatizando a importância dos determinantes físicos e sociais do meio ocupacional como causa de ***burnout***. Para Moreno-Jimenez et al. (2002), os estressores do meio físico relacionam-se aos fatores ambientais como ruídos, iluminação, temperatura, entre outros. Para melhorar o contexto laboral, a intervenção deverá ser encaminhada para potencializar a valorização do trabalho, trabalhos em equipe, grupos autônomos, fomento das relações interpessoais, além de facilitar a formação e informação ao trabalhador. No entanto, para o bom desempenho dessa intervenção, é necessário que as condições ocupacionais sejam adequadas e que as pessoas tenham motivação para desenvolver suas tarefas.

Os programas centrados na interação do contexto ocupacional e no indivíduo partem de uma perspectiva integradora, considerando que o ***burnout*** pode ter sua origem no tipo de profissão e nas condições ocupacionais, não dependendo exclusivamente das variáveis organizacionais. Moreno-Jimenez et al. (2002) completam esse conceito afirmando que é necessário levar sim em conta a integração das variáveis organizacionais, relacionais e pessoais.

Moreno-Jimenez et al. (2002) aludem às estratégias de enfrentamento que as pessoas empregavam como fundamentais para o desenvolvimento ou não do ***burnout.*** Entretanto, afirmam que a efetividade das estratégias não depende exclusivamente do indivíduo e sim de um trabalho em conjunto com a instituição, no caso deste estudo, a escola. Esses autores sugerem ainda que para a melhoria dos sintomas da síndrome é importante que os trabalhadores possam exercer sua autonomia para expressar suas idéias, seus sentimentos, ou seja, que tenham o estímulo à independência, responsabilidade, oferecer e receber *feedback*, encorajar a auto-avaliação e confiar nela, desenvolver programas de prevenção de riscos psicossociais, além de instaurar um sistema de recompensas.

Dentre as intervenções que podem ser utilizadas para o enfrentamento da Síndrome de Burnout pode-se distinguir um conjunto de ações que faça com que o professor desenvolva recursos próprios para saber lidar com as condições adversas de

seu trabalho. Ações essas que modifiquem a visão que o professor constrói da sua realidade de trabalho, além de modificar a maneira como respondem a essa realidade.

Como o professor trabalha em equipe, colegas, alunos, o autor propõe intervenções dirigidas ao treino das competências sociais, interpessoais e de assertividade e colaboração. Um exemplo disso é como o trabalho do professor o obriga a desenvolver tarefas em espaços curtos de tempo, pode-se intervir para que esse professor saiba gerir o tempo que tem disponível da melhor maneira possível. Pode-se ainda ajudar o professor a ajustar-se às exigências de seu trabalho, procurando apoio das pessoas que estão de fora quando há uma necessidade excessiva de tarefas ou ajustar seu trabalho às exigências pessoais, desenvolvendo até mesmo outra carreira, se necessário (CHAMBEL, 2005).

Modificar a visão que o professor tem das suas condições de trabalho pode ser uma forma de atuar, mudando a perspectiva dessas condições tão adversas. Uma maneira de fazer isso é ensinando o professor a ver o lado positivo das adversidades que possam ocorrer no ambiente escolar. Ainda nesse grupo de intervenções podem-se empreender estratégias que tenham como objetivo desenvolver no professor habilidades que permitam uma maior auto-estima, mais tolerância e mais crença na educação. Tais características podem ajudar o professor a enxergar de forma mais favorável as condições de trabalho em que se encontra (CHAMBEL, 2005). Pode-se também ajudar o professor a controlar sintomas, quando estes surgirem, colocando-o em alerta aos sinais fisiológicos que possam ocorrer, possibilitando o uso de técnicas de exercícios físicos e relaxamentos para solucionar ou pelo menos para amenizar os problemas.

Especificamente na escola pode-se atuar de forma discreta intervindo na rotina do professor para evitar o ***burnout.*** Um exemplo disso é o modo como a escola está estruturada em equipes, podendo-se intervir nos processos de interação, melhorando a comunicação e o apoio social entre os membros dessa equipe.

Benevides-Pereira (2002) indica uma série de passos que podem ajudar a intervir no surgimento da ***Síndrome de Burnout****,* e que dependem exclusivamente do indivíduo, quais sejam:

a) Identificação e análise do problema

A pessoa deve analisar o problema e decidir como irá resolvê-lo, tentando modificá-lo de forma a conseguir solucionar um problema de cada vez. É importante definir e analisar o problema de forma objetiva e profunda e saber selecionar qual problema deve ser avaliado primeiramente.

b) Estabelecimento de objetivos

O grupo deve selecionar os objetivos que têm de ser solucionados e deve se comprometer para resolver o problema em questão. Os objetivos devem ser precisos e operativos.

c) Elaboração de alternativas

Procurar encontrar várias soluções para elucidar um problema, procurando olhar o mesmo sob vários e diferentes ângulos.

d) Análise quanto às conseqüências

Analisam-se as conseqüências das situações específicas que se tem estabelecendo uma hierarquia para a solução.

e) Eleição da solução

Após analisar as conseqüências das situações, deve-se efetivar a solução escolhida.

f) Efetivação da solução

Colocar a solução em prática. Deve-se antecipar a possibilidade de ter fracassos e êxitos.

g) Avaliação dos resultados

Avaliação da solução escolhida de acordo com os objetivos.

h) Propostas de melhoria

Caso não se tenha alcançado os objetivos, será necessário analisar os erros e oferecer possibilidades de melhoria.

Outra forma que pode servir como uma fonte de prevenção e intervenção para a ***Síndrome de Burnout*** é a prática regular de exercícios físicos. Os efeitos desse tipo de atividade podem servir como promoção de hábitos saudáveis e conseqüentemente prevenirem e melhorarem os sintomas da síndrome. O hábito de praticar exercícios físicos ou realizar alguma modalidade esportiva pode modificar o estado de ânimo negativo da pessoa, inclusive pela liberação de endorfina, hormônio responsável pela

sensação de prazer. Não existe necessidade que essa prática seja intensa, pois mesmo com intensidade moderada os exercícios físicos regulares podem ser uma importante fonte de resultados significativos, de maneira imediata, no ânimo da pessoa, e, em longo prazo, na promoção da saúde.

Os exercícios físicos poderiam servir como uma válvula de escape diária, uma forma de descarregar a tensão acumulada ao longo do dia de trabalho possibilitando uma rotina saudável e prazerosa para a pessoa. Em relação à melhora dos sintomas da síndrome, existem exercícios recomendados para o alívio dos sintomas de ***burnout,*** como as técnicas de relaxamento, por exemplo, por ser uma maneira de manter os níveis de pressão arterial, freqüência cardíaca, tensão muscular em menores índices, o que pode melhorar os sintomas da mesma (MORENO-JIMENEZ, et al., 2002).

È de extrema importância tanto para o professor quanto para a instituição em que ele trabalha que os programas de prevenção e intervenção para a ***Síndrome de Burnout*** sejam efetivos na busca pela saúde (no seu significado mais amplo) e na promoção desta. Saúde sendo interpretada não apenas pela ausência de doenças, mas compreendida como um fenômeno multidimensional que envolve aspectos físicos, psicológicos e socioambientais.

A *Síndrome de Burnout* nas Profissões da Área da Saúde

Os profissionais das áreas da saúde trabalham constantemente sob uma rotina de pressão, esgotamento físico, longas jornadas de trabalho, plantões noturnos estressantes, sentimento de desqualificação e muitos deles em contato diário com a possibilidade da morte. Estas são apenas algumas considerações que evidenciam a classe dos profissionais da saúde como sujeita a desenvolver os sintomas da ***Síndrome de Burnout.*** Como os professores, os profissionais da saúde trabalham em contato direto com seus pacientes e também estabelecem vínculos emocionais que os deixam numa condição propícia para o surgimento da síndrome.

Benevides-Pereira (2002) informa que, ao lado dos professores, os enfermeiros são os grupos de profissionais que têm merecido mais atenção nos últimos tempos.

Para a autora, alguns fatores que justificam tal incidência de ***burnout*** nessa classe de profissionais são:

A organização do trabalho: longa jornada de trabalho, insuficiência de pessoal, rodízio de horários, falta de recursos para o trabalho, pouco poder de decisão, plantões exagerados, trabalho noturno.

O convívio profissional: alta competitividade, a falta de reconhecimento profissional, falta de apoio social, relacionamento muitas vezes conflituoso com a equipe médica, pressão por produtividade.

Os agentes físicos: o enfermeiro trabalha num ambiente propício a riscos químicos (desinfetantes, produtos de manutenção de equipamentos, medicamentos), biológicos (bactérias, fungos, vírus), físicos (radiações), mecânicos (transporte e posicionamento de pacientes, preparo de equipamentos para uso) e psicossociais (contato com pacientes e parentes agitados, descontrolados).

A vida pessoal: dificuldade de conciliar a vida familiar com o trabalho, devido aos turnos rotativos, plantões, entre outros.

A atividade profissional: contato afetivo constante com o paciente, contato com a dor, o sofrimento, a morte, a responsabilidade de pôr em risco muitas vezes a vida de seus pacientes.

Todos esses aspectos justificam as inúmeras pesquisas desenvolvidas com enfermeiros. Pode-se citar, por exemplo, um estudo realizado com enfermeiros oncológicos que estariam propícios ao ***burnout.*** O estudo, realizado por Popim e Boemer (2005), revelou que a possibilidade do ***burnout*** é evidente porque cuidar em oncologia implica lidar com o humano em situação de fragilidade; requer uma relação de afetividade; é um cuidado que traz consigo a gênese do desgaste profissional. O cuidado em oncologia reveste-se de grande complexidade, requerendo do profissional uma competência que vai além da esfera técnico-científica. Nesse sentido, o enfermeiro necessita buscar estratégias que lhe possibilitem o enfrentamento do desgaste a que é submetido em seu trabalho e que pode levá-lo aos riscos do ***burnout*** (POPIM e BOEMER, 2005).

Características semelhantes ao trabalho dos enfermeiros também são vivenciadas pelos médicos. Tucunduva et al. (2006) realizaram um estudo com médicos cancerologistas brasileiros e encontraram pelo menos 25% dos entrevistados com pontuações referentes a uma das dimensões da ***Síndrome de Burnout*** gravemente alteradas e cerca de 15% deles apresentaram alterações importantes simultaneamente nas três dimensões avaliadas da ***Síndrome de Burnout****.*

Além dos enfermeiros e médicos, outras profissões também ligadas à área da saúde estão sujeitas à ***Síndrome de Burnout***. Moreno-Jimenez et al. (2002) afirmam que a psicologia é mais uma profissão sujeita ao ***burnout***. Argumentam que as demandas daqueles que devem prestar auxílio, na maioria das vezes carregadas de dor e sofrimento, ocasionalmente além das possibilidades de ajuda reais, ou eventualmente bastante semelhantes às próprias dificuldades pessoais daquele que se oferece a ajudar, sobrecarregam e desgastam o profissional. A psicologia requer que o profissional mantenha uma relação muito próxima com as pessoas às quais deve atender, sendo assim, uma constante fonte de desgaste emocional para o profissional da área.

CAPÍTULO III

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial adotado neste estudo é a teoria bioecológica do desenvolvimento humano de Urie Bronfenbrenner, escolhida a partir do entendimento que a ***Síndrome de Burnout*** é resultante da interação entre múltiplos fatores do contexto de vida dos professores, das características individuais que demarcam sua personalidade, sua maneira de enfrentar os problemas e, também, dos recursos com os quais pode contar para enfrentar seu quotidiano profissional. Trata-se, portanto, de um fenômeno complexo cuja compreensão exige um referencial que contemple o exame desses elementos envolvidos e dos diferentes níveis do contexto do professor.

A teoria referida considera que os processos que sustentam o desenvolvimento humano ocorrem dentro do contexto e do tempo em que a pessoa vive. Existe uma constante interação entre os aspectos da natureza e o ambiente, sendo que os aspectos biológicos influenciam e sofrem influência do ambiente. O ser humano é visto como um ser ativo capaz de modificar a si e a seu meio ambiente. O modelo que expressa essa concepção é conhecido como o *Modelo PPCT* (Pessoa, Processo, Contexto, Tempo), cuja estrutura, neste estudo, ajuda a compreender os processos envolvidos no quotidiano escolar e a visualizar na realidade diária de trabalho dos professores, diferentes fontes que, somadas, contribuem para que desenvolvam ***burnout*.**

Com o passar do tempo, têm aumentado as responsabilidades e exigências que se projetam sobre os educadores, coincidindo com um processo histórico de uma rápida transformação do contexto social, o que se tem traduzido em uma modificação do papel do professor, implicando um constante mal estar em muitos deles, que não têm sabido ou não têm aceitado acomodar-se às novas exigências de seu trabalho (ZARAGOZA, 1999).

Há vinte anos, por exemplo, o professor constituía a fonte quase exclusiva de informação e transmissão do saber; no momento atual qualquer uma de suas

informações pode ser examinada e/ou contestada através da *Internet*, por exemplo. É necessário estar atualizado e apto a saber lidar cada vez mais com novas tecnologias se o professor quiser se sentir desempenhando um bom trabalho. Todas as transformações supõem um profundo e exigente desafio pessoal para os professores que se propõem a responder a essas expectativas (ZARAGOZA, 1999).

Somado a tal quadro, o professor segue desempenhando diversos papéis, muitas vezes contraditórios, como de amigo, educador, avaliador, o que exige dele um equilíbrio emocional quase em tempo integral e, muitas vezes, ele não se sente apto para isso. Todos os atributos do papel do professor, de como ele deve realizar seu trabalho, tratar seus alunos, responder à sociedade sobre seu trabalho, somados à individualidade de cada um, inserido num contexto caótico em que se encontram as escolas públicas, pode levar o profissional a desenvolver ***burnout*** (ZARAGOZA, 1999).

O modelo teórico abordado possibilita examinar os diferentes níveis do contexto de vida dos professores, como o tempo, o contexto, a pessoa, e o modo como ocorrem as interações que podem interferir no desenvolvimento da ***Síndrome de Burnout*,** para futuramente buscar estratégias mais coerentes com cada uma das situações determinantes. Além disso, esse referencial permite compreender o viver cotidiano dos professores de forma inserida no contexto social sem desconsiderar as influências dos aspectos individuais, não ficando restrito aos sintomas físicos da síndrome. Ou seja, compreender o sujeito professor de tal forma a integrar a dinâmica do seu quotidiano escolar às suas características e aos recursos pessoais para o enfrentamento dessa situação.

Especificamente no presente estudo, esse referencial vai possibilitar, além das considerações já descritas, examinar a fala dos sujeitos de forma a compreendê-los através de uma visão mais global, permitindo assim uma análise mais multidimensional da ***Síndrome de Burnout***.

O Modelo Processo, Pessoa, Contexto e Tempo

Segundo Bronfenbrenner (1998), o **Processo** é o elemento central desse modelo teórico, refere-se às interações vivenciadas face a face pelas pessoas nos diferentes

contextos, ao longo de suas vidas. Os processos proximais, neste estudo, incluem as interações que os professores vivenciam no cotidiano escolar e em outros ambientes nos quais convivem diariamente. Pode-se utilizar como exemplo as interações dos professores com suas famílias, seus amigos, seus colegas de trabalho, entre outras.

As referidas interações dos professores em diferentes contextos fazem com que os mesmos interajam com diferentes pessoas, objetos e ambientes, realizando conseqüentemente interações mais complexas. A forma, a força, o conteúdo e a direção desses processos proximais podem influenciar o surgimento da ***Sindrome de Burnout*** juntamente com as características biopsicológicas da pessoa, do ambiente, da natureza, dos resultados sobre o desenvolvimento, das mudanças e continuidades sociais ao longo do tempo e do período histórico em que a pessoa viveu. Apoiada nas idéias de Bronfenbrenner, a ***Síndrome de Burnout*** pode ser compreendida como um fenômeno gerado a partir das características da pessoa, da natureza e do ambiente em que vive, da intensidade e da freqüência em relação ao período a que foi exposta e ao ambiente que ocorreu.

O segundo componente do PPCT, nomeado **Pessoa**, refere-se às características biopsicológicas dos sujeitos envolvidos no processo, ou seja, as características particulares de cada professor que participa do estudo, além da forma como esse professor se comporta nas diferentes etapas de sua vida, como ele se adapta aos novos tempos da educação, do comportamento de seus alunos e como esse professor modifica a sua maneira de responder a esses acontecimentos diários. A resposta a tais acontecimentos, segundo Bronfenbrenner (2005), são características próprias de cada um e, dependendo de como cada professor lida com suas interações, ele vai revelar potenciais diferentes para solucionar problemas nas etapas posteriores. No caso deste estudo, dependendo de como o professor lida com os acontecimentos diários na escola, com seu relacionamento com o aluno, por exemplo, ele pode ou não ficar mais exposto aos riscos de ***burnout***.

Assim, características pessoais influenciam os processos proximais e constituem-se em fonte de mudança, uma vez que orientam a forma, a força, o conteúdo e a direção do processo estudado. Porém, além das características pessoais

de cada professor, o potencial genético também tem grande influência sobre a incidência da síndrome ao longo do ciclo vital.

Já o **Contexto** compreende quatro níveis ambientais em que o sujeito se encontra inserido: *o microssistema, o mesossistema, o exossistema e o macrossistema* (BRONFENBRENNER, 1998). O *microssistema* é definido como um contexto no qual há um padrão de atividades, papéis sociais e relações interpessoais experenciadas face a face pela pessoa. As interações dentro do microssistema ocorrem com os aspectos físicos, sociais e simbólicos do ambiente e são permeados pelas características das pessoas envolvidas. Neste estudo, o microssistema está representado, especificamente, pelas interações face a face que os professores experimentam com seus alunos, seus colegas de trabalho, sua família, entre outros.

O *mesossistema* consiste no conjunto de microssistemas que uma pessoa freqüenta e nas inter-relações estabelecidas por estes. É ampliado sempre que uma pessoa passa a freqüentar um novo ambiente. Os processos são interdependentes, sendo assim, por exemplo, a interação de uma pessoa no seu trabalho é influenciada e influencia outros ambientes, como na família (BRONFENBRENER, 1998). Logo, as experiências vivenciadas pelos professores no seu ambiente de trabalho, na escola, ou em casa, na família, influenciam e sofrem influência no seu modo de agir com as pessoas. Geralmente os mesossistemas que se sobressaem neste grupo de estudo estão relacionados à escola, à família, aos colegas de trabalho, aos alunos.

O *exossistema* é relacionado aos ambientes que a pessoa não freqüenta como participante ativa, mas que segundo Bronfenbrenner (2005) influenciam indiretamente no possível surgimento da ***Síndrome de Burnout*** (no caso deste estudo), como o trabalho dos pais, a rede de apoio social e a comunidade em que a pessoa está inserida. O nível ambiental é onde se realizam interações, nas quais podem estar presentes dois ou mais contextos, sendo que, em pelo menos um os sujeitos podem nunca ter estado. Neste estudo o mesossistema pode ser caracterizado pelos locais que os professores não freqüentam, mas que o influenciam indiretamente no seu trabalho, como a família de seus alunos, a maneira como essa família educa seus filhos, a interação da direção da escola com a secretaria de educação, o contexto familiar de seus colegas professores.

O *macrossistema* está constituído por ideologias, formas de governo, valores e crenças, religiões, culturas e subculturas que fazem parte do quotidiano das pessoas. Envolve as influências da cultura nas pessoas com quem a pessoa em questão se relaciona no seu dia-a-dia, sendo definido pela estrutura e pelo conteúdo dos sistemas que o constituem (BRONFENBRENNER, 1998). Os professores que fazem parte deste estudo influenciam e sofrem influência das leis da educação, da secretaria de educação, da forma como a direção das escolas gerencia sua gestão, além de terem a influência do momento cultural, histórico e econômico que o país está atravessando.

O quarto elemento do modelo PPCT, **o *Tempo,*** envolve três níveis: macrotempo (abarca as expectativas de mudança dentro da sociedade através de gerações), mesotempo (refere-se à periodicidade dos episódios através de intervalos maiores de tempo como dias e semanas), e microtempo (refere-se aos pequenos episódios dos processos proximais) (BRONFENBRENNER, 2005).

O estudo do tempo a partir desses três níveis deve focalizar a pessoa em relação aos acontecimentos presentes em sua vida, desde os mais próximos até os mais distantes. No que se refere ao fator tempo, é fundamental levar em conta não só as mudanças que ocorrem em relação à pessoa, mas também ao ambiente e à relação dinâmica entre esses dois processos. Bronfenbrenner (1998) argumenta que a trajetória do desenvolvimento humano é delineada não só pelos momentos da atual fase da vida, mas também pelas influências das interações realizadas através de sua rede de relações.

Neste estudo o tempo tem fator determinante na realidade de trabalho dos professores: quando analisando um contexto histórico, é possível perceber a mudança no *status* profissional do exercício do magistério, a crise atual da educação, a mudança de comportamento dos alunos, que atualmente tem outra realidade de vida com suas famílias, em contextos diferentes e conseqüentemente com reações e educações igualmente diversas. E é com essa mudança de contexto que o fator tempo se mostra presente na realidade de trabalho do sujeito professor.

CAPÍTULO IV

METODOLOGIA

Tipo de Estudo

O presente estudo é de natureza qualitativa, exploratório e descritivo. Qualitativo porque segundo Minayo (1993), este tipo de pesquisa possibilita examinar algo mais profundo das ações e relações humanas, como valores, atitudes aspirações. A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou de uma organização. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa se opõem ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa, já que as ciências sociais, humanas e da saúde têm sua especificidade, exigindo, portanto, uma metodologia própria. Assim, recusam o modelo positivista aplicado ao estudo destas áreas do conhecimento, uma vez que ao pesquisador não cabe julgar e nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDEMBERG, 1999). Com os métodos qualitativos busca-se explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificar os valores e as trocas simbólicas.

A natureza exploratória deste estudo deve-se ao fato de seu objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito, visto que a ***Síndrome de Burnout*** é um problema cuja investigação, no âmbito local, regional, é recente necessitando ainda ser mais explorado. Segundo Gil (2002) os estudos exploratórios têm seu planejamento bastante flexível, de modo que possibilita a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fenômeno o que reforça sua adequação para este estudo.

Para Lakatos e Marconi (1991) a pesquisa exploratória é vista como o primeiro passo de todo o trabalho científico, pois tem a finalidade de proporcionar maiores informações sobre determinado assunto, além de facilitar a delimitação de uma temática de estudo; definir os objetivos ou formular as hipóteses de uma pesquisa ou, ainda, descobrir um novo enfoque para o estudo que se pretende realizar. Pode-se

dizer que a pesquisa exploratória tem como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de hipóteses.

Já a classificação desse estudo como descritivo, decorre do fato do objetivo principal contemplar a descrição de possíveis sintomas da ***Síndrome de Burnout***, identificados através das falas dos professores, como forma de expressão da situação que vivenciam em seu quotidiano profissional.

Caracterização do Contexto

O município de Rio Grande/RS, onde este estudo foi desenvolvido, está situado no extremo sul do Brasil. É uma cidade litorânea, portuária, com uma população estimada em 190.000 habitantes (IBGE, 2000), na qual, segundo dados da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC) existem sessenta e uma (61) escolas municipais, sendo que a maioria (18) está localizada na zona urbana e desenvolve o ensino fundamental. Neste estudo, essas escolas são denominadas pela sigla E.M.E.F. (Escola Municipal de Ensino Fundamental), seguidas de uma nominação específica. Os professores que participam deste estudo estão lotados em três das dezoito escolas localizadas na zona urbana. A tabela 1 apresenta a distribuição destas escolas do município de Rio Grande/RS.

Tabelas 1 – Distribuição das escolas em Rio Grande/RS

Tipos de escolas do município	Número total
Escolas de ensino fundamental da zona rural	07
Escolas de educação especializada	02
Escolas multisseriadas da zona rural	11
Escolas de educação infantil	09
Escolas de 1ª a 4ª série	14
Escolas de ensino fundamental da zona urbana	18

Fonte: SMEC / 2006

Conforme mencionado anteriormente o total de professores efetivos que trabalham nessas sessenta e uma escolas é de 1690, sendo que na data que foi realizada a coleta de dados (agosto de 2006) um total de 142 professores estavam afastados do trabalho, gozando de licenças diversas, como mostra a tabela 2.

Tabelas 2 – Licenças deferidas aos professores em 2006, em Rio Grande/RS

Tipo de licenças deferidas	Número de professores
INSS (licença-saúde)	38
LAC (licença para acompanhar cônjuge)	02
LP (licença-prêmio)	50
LSG (licença-saúde gestante)	30
LTI (licença tratar interesse)	09
LADF (licença acompanhar doente familiar)	12
LC (licença para curso)	01

Fonte: SMEC / 2006

Participantes do Estudo

Participaram deste estudo quinze professores das séries finais do ensino fundamental da rede municipal de ensino da cidade do Rio Grande/RS, os quais são identificados pela letra P (professores) seguida de um número entre 1 e 15, de tal forma que suas identidades possam ser preservadas. Estes professores trabalham em três escolas localizadas na zona urbana do município, as quais foram selecionadas considerando a facilidade de acesso para coleta de dados, a concordância das direções das escolas para a participação no estudo, expressa formalmente através de oficio, e a necessidade de delimitar o universo dos participantes às exigências de uma pesquisa qualitativa que utiliza a entrevista como instrumento de coleta de dados. As escolas selecionadas foram: Escola Municipal de Esnsino Fundamental Dr. Rui Poester Peixoto,

Escola Municipal de Ensino Fundamental Frederico Ernesto Bucholz e Escola Municipal de Ensino Fundamental Sant'Ana.

Os quadros 1, 2, 3 apresentados a seguir mostram as características dos participantes quanto ao perfil individual (sexo, idade, estado civil, número de filhos, tempo dedicado à família, atividade de lazer), perfil sócio econômico (tipo de moradia, renda mensal individual, renda mensal familiar), e quanto ao perfil profissional (tempo de magistério, número de escolas que lecionam, carga horária de trabalho, disciplina que lecionam, número de turmas que possuem, tipo de transporte utilizado para trabalho, uso de licenças e faltas).

Quadro 1 – Caracterização do perfil individual dos participantes

Sexo Feminino Masculino	 13 02
Idade 40-49 anos 30-39 anos - 29 anos	 08 06 01
Estado civil Solteiros Casado/companheiro	 07 08
Quanto a ter filhos Possuem filhos Não possuem filhos	 06 09
Tempo dedicado à família 4 horas diárias Entre 5 e 8 horas diárias Somente fins de semana	 06 05 04
Atividade de lazer Possuem atividade de lazer Não possuem atividade de lazer	 15 Nenhum

N= 15 professores

A maioria dos participantes deste estudo é do sexo feminino, sendo treze mulheres e apenas dois homens. Quanto à idade dos entrevistados oito professores tinham entre quarenta e quarenta e nove anos, seis tinham entre trinta e trinta e nove anos e apenas um professor tinha menos que vinte e nove anos. Oito professores eram casados ou mantinham um relacionamento estável com companheiro e sete eram solteiros. Nove professores entrevistados não têm filhos, enquanto seis os tinham. No que se refere ao tempo dedicado à família verificamos que seis professores dedicam uma média de quatro horas diárias, cinco referem entre cinco e oito horas por dia e quatro professores se dedicam a sua família somente aos finais de semana. Quanto à atividade de lazer todos professores referiram que mantém essas atividades.

Quadro 2 – Perfil sócio econômico dos participantes

Moradia	
Possuem casa própria	12
Não possuem casa própria	02
Renda mensal individual	
Menos de R$ 900,00	04
Entre R$ 1.000,00 e R$ 1.400,00	09
Entre R$ 1.500,00 e R$ 2.000,00	02
Renda familiar	
Menos de R$ 900,00	01
Entre R$ 1.000,00 e R$ 1.400,00	04
Entre R$ 1.500,00 3 R$ 1.900,00	06
Mais de R$ 2000,00	04

N= 15 professores

Em relação à moradia, doze professores possuem casa própria e dois não possuem, quanto à renda individual mensal, quatro professores recebem menos de novecentos reais, nove professores recebem entre um mil reais e um mil e quatrocentos reais, e apenas dois professores recebem entre um mil e quinhentos reais e dois mil reais. Quanto à renda familiar, o quadro mostra que um professor ganha menos de

novecentos reais, quatro tem seu salário entre um mil e um mil e quatrocentos reais, seis entre um mil e quinhentos reais e um mil e novecentos reais e quatro professores contam com mais de dois mil reais mensais. Cabe mencionar aqui que não temos a informação de renda de outros membros da família.

Do ponto de vista profissional os participantes deste estudo têm a seguinte distribuição em termos de tempo de carreira de magistério: seis professores têm entre vinte e vinte e cinco anos de docência, um professor tem menos de vinte anos de carreira, seis professores têm entre dez e quinze anos de magistério e apenas um professor tem menos de cinco anos de carreira.

Quanto ao número de escolas em que lecionam, os professores são divididos da seguinte forma: seis trabalham em somente uma escola, outros seis dividem suas tarefas em duas escolas e três trabalham em três escolas diferentes. Quanto à carga horária semanal de trabalho, um professor mantém vinte horas, outro vinte e quatro horas, mais outro trinta horas, sete professores lecionam quarenta horas, um professor quarenta e cinco horas, outro cinqüenta horas e três desenvolvem uma rotina de sessenta horas de trabalho durante a semana.

Com relação a disciplina em que lecionam três professores são responsáveis pela disciplina de Arte, outros três ministram aulas de Letras (Português, Inglês, Espanhol), um é professor de Educação Física, um de Ciências, três são docentes de Geografia, dois de Matemática e um de Ensino Religioso. Todos os professores entrevistados desenvolviam suas atividades em várias turmas durante o ano letivo, dois professores tinham entre uma e cinco turmas, sete entre seis e dez turmas, cinco entre onze e quinze turmas e um professor chegava a ter quinze turmas sobre sua responsabilidade.

Quanto ao meio de transporte utilizado para deslocarem-se até a escola, quatro docentes sempre usam automóvel, nove usam somente ônibus e dois se dividiam entre carro e ônibus. Ao examinarmos o número de licenças nove professores já fizeram uso desse recurso, enquanto seis nunca fizeram. Em relação às faltas, seis professores dizem já terem utilizado, enquanto nove nunca faltaram ao serviço. Estes dados estão sintetizados no quadro 3 logo abaixo:

Quadro 3. Perfil profissional dos participantes

Tempo de Magistério	
20-25 anos	06
menos 20 anos	01
10-15 anos	06
menos 5 anos	01
Número de escolas que lecionam	
01 escola	06
02 escolas	06
03 escolas	03
Carga horária semanal de trabalho	
20 horas/semanais	01
24 horas/semanais	01
30 horas/semanais	01
40 horas/semanais	07
45 horas/semanais	01
50 horas/semanais	01
60 horas/semanais	03
Disciplina que leciona	
Arte	03
Letras	03
Educação Física	01
Ciências	01
Geografia	03
Matemática	03
Religião	01
Número de turmas que leciona	
01-05 turmas	02
06-10 turmas	07
11-15 turmas	05
mais 15 turmas	01
Meio de transporte utilizado	
Carro	04
Ônibus	09
Carro/ônibus	02
Quanto a licenças	
Já utilizaram	09
Não utilizaram	06
Quanto a faltas	
Possuem faltas	06
Não possuem faltas	09

N= 15 professores

Coleta dos Dados

Inicialmente foi utilizado um questionário (Apêndice 1) para identificar o perfil dos participantes do estudo. Na seqüência foram realizadas as entrevistas (Apêndice 2), sendo que o procedimento adotado foi o mesmo em todas escolas: os professores escolhidos foram colocados em uma sala de aula da própria escola, e solicitados a responder o questionário após receberem instruções. Ao término dessa primeira etapa, foi agendado o horário para a realização das entrevistas, as quais aconteceram durante a primeira quinzena de agosto de 2006.

As entrevistas foram realizadas com os professores individualmente nas escolas respectivas em que os mesmos lecionavam, tendo sido gravadas e posteriormente transcritas na íntegra. O roteiro da entrevista estava constituído de três questões que abordavam as dimensões da ***Síndrome de Burnout***, segundo a literatura utilizada: a exaustão emocional, a despersonalização e a baixa realização profissional. As entrevistas foram, portanto, direcionadas para a investigação destas dimensões já pré-estabelecidas, embora tenha sido tomado o cuidado necessário para possibilitar a emergência de outras categorias que pudessem surgir a partir das falas dos entrevistados.

Análise dos Dados

Para a análise dos dados deste estudo foi utilizada a técnica de análise de conteúdo de Bardin (1979). A análise de conteúdo é uma técnica que por meio da leitura e interpretação do conteúdo das falas dos participantes permite descrições objetivas, sistemáticas, qualitativas, auxiliando na compreensão aprofundada dos significados (BARDIN, 1979). A análise de conteúdo dos dados deste estudo desdobrou-se em três fases:

a – a pré-análise: nesta fase, a mestranda fez uma leitura flutuante nos documentos a serem analisados. Neste momento foi organizado o material. Iniciou-se o trabalho escolhendo os documentos a serem analisados. As entrevistas realizadas foram

transcritas na íntegra e constituiu o corpo da pesquisa. Porém, para chegar a esses dados foi necessário o cumprimento de alguns fatores como: a **exaustividade** – procurou-se esgotar a totalidade da comunicação dos entrevistados, com extremo cuidado para que nenhuma fala ou consideração exposta pelo entrevistado fosse omitida; a **representatividade** – os professores que foram escolhidos para o estudo representaram o universo dos profissionais da educação; a **homogeneidade** – os dados foram colhidos da mesma forma e através das mesmas técnicas, além de terem sido coletados pela mesma pessoa; a **pertinência** – a entrevista foi adequada ao conteúdo e ao objetivo da pesquisa; a **exclusividade** – os dados foram selecionados para apenas uma categoria, tendo tido como cuidado de não serem repetidos.
b - exploração do material: ocorreu logo após a pré-análise e consistiu numa fase longa, de classificação e de agregação, em função de regras previamente formuladas. Nesta fase o material foi codificado, ou seja, submetido a um processo pelo qual os dados foram transformados e agregados em unidades, as quais permitiu uma descrição exata das características pertinentes do contexto. Neste estudo, as entrevistas foram submetidas a análise de sentido e seu conteúdo foi separado através de unidades de registro, vizando a categorização. As categorias reuniram um grupo de elementos (unidades de registro) em razão de características comuns. Para a escolha de categorias deste estudo foi utilizado o critério de temas, onde todos os temas que se agrupavam por sentido foram fazendo parte de uma categoria. Como o tema deste estudo já era previamente categorizado em três dimensões (as quais compunham as características da ***Síndrome de Burnout)***, foi utilizado o sistema de “caxias” de Bardin (1979), onde à medida em que os temas com mesmo sentido foram encontrados eram repartidos nas categorias já existentes
c - tratamento dos resultados obtidos e a interpretação: nesta fase, os resultados foram tratados de maneira a serem significativos e válidos. Os resultados foram submetidos a interpretações a propósito dos objetivos previstos e de acordo com o referencial teórico abordado.

Aspectos Éticos da Pesquisa

Para a realização da pesquisa foi solicitada: a concordância do setor responsável pelos profissionais de ensino, a SMEC (APÊNDICE 3), uma autorização dos diretores das escolas selecionadas (APENDICE 4), o termo de consentimento livre e esclarecido do participante (APENDICE 5), além de autorização do diretor do CEPas (comitê de ética em pesquisa na área da saúde) (Anexo 1).

No primeiro encontro com os professores, foram explicados e esclarecidos os objetivos deste estudo, assim como sua liberdade de decisão enquanto participantes ou não deste projeto. Em seguida foi entregue o consentimento livre e esclarecido a cada um dos participantes. Este consentimento foi lido em voz alta pela mestranda, fazendo os esclarecimentos correspondentes, na medida em que alguma duvida surgia entre os participantes. O termo assegura o anonimato das informações, o direito de participar ou não deste estudo, assim como, o de desistir a qualquer tempo, sem sofrer qualquer tipo de censura e com isenção de qualquer custo decorrentes desta prática.

O projeto foi aprovado pelo CEPAS da Fundação Universidade Federal do Rio Grande no “Parecer Nº 4466/6 de 2006” assinado pelo seu coordenador.

CAPÍTULO V

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tomando por base a literatura sobre a ***Síndrome de Burnout*** e o referencial adotado para o desenvolvimento deste estudo, os resultados da análise realizada foram agrupados nas três categorias clássicas, com as quais habitualmente os autores trabalham: **categoria 1: Exaustão Emocional, categoria 2: Despersonalização e categoria 3: Baixa Realização Profissional**.

Embora este estudo não tenha se expandido à criação de novas categorias, visto que sua finalidade era de explorar as categorias já pré-definidas pela literatura, é importante registrar que a escolha por uma metodologia qualitativa, diferente da maioria dos estudos sobre a ***Síndrome de Burnout*,** desenvolvidos em uma linha quantitativa, possibilitou visualizar com mais profundidade a interioridade de cada uma das três categorias. Por outro lado, a incorporação da teoria bioecológica como referencial teórico permitiu identificar processos vivenciados pelos professores em diferentes níveis, desde o macrocontexto, no qual estão inseridos até suas características biopsicológicas, que podem estar contribuindo para o desenvolvimento da ***Síndrome de Burnout***.

Categoria 1: Exaustão Emocional

Nesta categoria são apresentadas as queixas dos professores que, de alguma maneira, remetem à exaustão emocional, de acordo como esta vem sendo descrita na literatura. Os professores relatam o desgaste que vivenciam rotineiramente no quotidiano escolar, o qual está associado ao desempenho de sua profissão, com uma geração de alunos cujos pais não acompanham adequadamente o desenvolvimento escolar dos seus filhos que, em decorrência, manifestam o que se poderia chamar de “comportamento sem limite”. Soma-se a essa situação o acúmulo de papéis que os professores atualmente desempenham, o que faz com que os professores

desenvolvam, além das suas funções docentes, as de ser pais, mães, amigos, entre outros, e os sintomas físicos apresentados pelos professores devido ao trabalho desenvolvido em um ambiente escolar estressante que propicia o aparecimento dos mesmos.

Os professores atribuem esta “falta de limite” à maneira como atualmente a geração de alunos está sendo educada. Referem-se a essa educação como demarcada por uma permissividade muito grande por parte dos pais, o que contribui para que seus filhos tenham um comportamento difícil, e não aprendam a respeitar as normas que possibilitam a convivência social mais salutar. Zaragoza (1999) refere que há pouco tempo parecia que os pais se esforçavam para educar seus filhos e passar a eles as noções de disciplina, respeito e manifestavam apoio ao professor em situações de conflito.

O autor citado ressalta a importância de avaliarmos a influência do tempo tanto na forma como os problemas se desenrolam quanto na percepção que temos deles. Da mesma forma Bronfenbrenner (1998) refere o tempo e as interações como fatores determinantes para que mudanças ocorram nas diferentes gerações, dependendo de cada contexto que a pessoa está inserida e como reagem as interações que surgem. Especificamente neste estudo é importante observar a maneira como os participantes reagem às situações que ocorrem rotineiramente no trabalho, pois segundo a percepção dos mesmos, atualmente os pais já não exigem tanto dos filhos em termos de disciplina, respeito aos professores e limites, como era cobrado pouco tempo atrás.

As falas seguintes retratam essa queixa central da categoria 1:

> *“Ultimamente estou cansando muito mais, a geração de hoje é muito cansativa, eles não respeitam os pais, nós temos de dar aula e educar, é tudo com a gente, não era assim, isso cansa e frustra.” P.1*

> *“Tem piorado bastante o comportamento deles [alunos], dez anos para cá vem mudando muito, não sei se os pais estão trabalhando mais e tentam compensar a ausência sem brigas e eles vão ficando sem limites, sem educação, eles nos tratam muitas vezes sem respeito algum” P. 2*

Segundo a percepção dos professores, essa maneira diferente de “educar” os filhos pode ser conseqüência do fato dos pais precisarem trabalhar mais hoje em dia para garantir o sustento de suas famílias, o que gera nos mesmos um sentimento de culpa por não conseguirem conciliar suas atividades laborais e ainda terem tempo para se ocupar dos filhos diretamente.

É a mudança do contexto como afirma Bronfenbrenner (1998), que justifica a diferença no comportamento dos pais em relação aos filhos. Antigamente os pais tinham mais tempo para a educação dos filhos e cobravam muito mais respeito e educação dos mesmos. Além dessas mudanças por parte dos pais, o contexto da família também mudou nos últimos anos, as mães, que antes tinham esse papel, hoje trabalham tanto ou mais que os pais, muitas vezes, reduzindo também sua participação na vida escolar de seus filhos. Assim, aos professores, cabe uma sobrecarga de papéis e tarefas, pois assumem, além daquelas inerentes ao seu ofício, também a missão de transmitir valores que em outros tempos era de responsabilidade da família.

As falas anteriores mostram que os professores percebem claramente a diferença em termos de educação dos filhos ao longo do tempo. Por outro lado, o perfil desses professores em especial é de uma classe cuja maior parte dos integrantes já tem uma história no magistério. Com exceção de um professor, os outros têm mais de dez anos de regência de classe, e sendo assim, eles identificam com mais propriedade as diferenças que vêm apresentando as sucessivas gerações de alunos.

Decorrente da vivência nesse contexto, os professores vem se sentindo exaustos, sendo que referem um sentimento que extrapola o que poderíamos considerar como “normal” após um dia de trabalho. Além disso, apontam sentimentos de tristeza quanto à rotina de sala de aula e não manifestam satisfação em educar, mas sim, um cansaço sem retorno. Relataram que esse comportamento vem acontecendo atualmente depois de um algum tempo de magistério e que no início da atividade docente o desgaste era diferente, pois eles acreditavam que o esforço era válido, que seus alunos os respeitavam e os valorizavam em sua profissão.

Em síntese, poderíamos dizer que os professores que participaram deste estudo manifestam comportamentos sugestivos de exaustão emocional, os quais são expressivos de uma categoria que se mostra esgotada e sem um sentimento de

reconhecimento profissional, o que problematiza ainda mais essa situação, conforme relatam P4 e P2:

> *"De uns quatro anos pra cá é que começaram essas coisas assim, só passa nas férias, uma semana depois de acabar as aulas eu tô feliz e digo: ai tô curada, acabou! Aí uma semana depois que começa as aulas começa tudo de novo." P. 4*
>
> *"Atualmente me sinto muito cansado, há dez anos eu tinha outro pique, a minha motivação não é a mesma, as condições de trabalho pioraram muito e foi desgastando a motivação para trabalhar" P. 2*

O contexto em que está inserido o professor nos dias atuais contribui fortemente para desenvolver um sentimento de frustração e a manifestação de sinais que levam a pensar em exaustão emocional (ZARAGOZA, 1999). O cansaço sem retorno, somado às características individuais do professor, gera a sensação de não ter mais como continuar, como sair dessa situação. Durante as entrevistas os participantes enfatizaram a dificuldade de manter o interesse dos alunos pela escola, pois estes trabalham sem vontade de aprender, sem interesse pelos assuntos referentes à escola, e principalmente com a desvalorização, por parte do aluno e de sua família, pelo trabalho do professor. Para lidar com tal situação, cada professor, dependendo das suas características biopsicológicas e da forma como reage com as interações que acontecem diariamente, desenvolve comportamentos únicos e pessoais, como vimos no referencial adotado. A fala abaixo relata o sentimento de cansaço e frustração que referimos acima:

> *"Cansada, dependendo do dia, de como foi a aula, é muito cansativo, eles não param nunca, freqüentemente dá vontade de ir embora no meio da aula..." P. 6*

Todos os professores deste estudo referiram o desgaste emocional como conseqüência de anos de trabalho, somado a uma geração de alunos "sem limites" e um contexto diferenciado da educação nos dias de hoje. Esta é uma referência encontrada em Bronfenbrenner (1998) e também, na literatura sobre o tema. No

entanto, Benevides-Pereira (2002) afirma que não existe consenso em relação a essa questão, pois enquanto alguns autores descrevem o ***burnout*** como uma síndrome com maior incidência nos que ingressam há pouco tempo na profissão, outros defendem a posição de que a síndrome acomete os profissionais mais antigos, resultado do processo que vai se instalando ao longo do tempo de trabalho. No caso deste estudo, poderíamos dizer que a segunda possibilidade é a que mais se evidenciou, tendo em vista as falas dos sujeitos que dele participaram. Os professores referem exaustão em decorrência do acúmulo dos anos de profissão somado às condições em que trabalham.

As falas seguintes exemplificam os sentimentos referidos:

> *"Morta, quase morta. Deixa eu te contar: no final do dia não acontece mais nada, eu chego em casa e quero silêncio, eu quero escuro até me recuperar. No mínimo duas horas em silêncio total, no escuro, sem nada até me recuperar. Geralmente meu marido não está em casa, daí eu consigo me recuperar. Aí eu vou terminar de elaborar a aula, terminar os meus afazeres domésticos, fazer alguma coisa até uma duas horas da madrugada, e aí já começo o outro dia acabada."*
> *P. 8*
>
> *"Acabada, normalmente é assim, não tenho vontade de fazer nada, nem de falar, nem de ouvir, se eu começar a falar eu choro, já estou assim, o cansaço é muito grande, só tenho vontade de ficar dormindo, nem sei se vou almoçar no intervalo ou se vou dormir, não tenho vontade de nada..." P. 4*

O acúmulo de papéis identificado nas falas dos professores é, em parte, reflexo das características da vida dos pais no mundo contemporâneo, já que eles estão à maior parte do tempo ausentes. Muitos professores se sentem responsáveis não apenas pela transmissão de conteúdos, mas também pela formação moral de seus alunos. Essa tarefa poderia ser bem recebida se acontecesse como conseqüência natural de seu oficio, mas não é assim que a situação se apresenta. Os professores sentem como se fosse sua obrigação assumir os papéis de pai, amigo, conselheiro, e outros tantos que lhes são exigidos no decorrer de sua prática, uma vez que é para eles que os alunos recorrem, ou a quem eles têm acesso mais facilmente.

Zaragoza (1999) afirma que o papel do professor sofreu mudanças significativas nos dias atuais, aumentando as responsabilidades e exigências. Carlotto (2001), citando Merazzi (1983), fala que essa transformação pode estar ligada a três fatos fundamentais: 1) a forma como a família renuncia a educação de seus filhos atualmente, cobrando e repassando para a escola tal obrigação; 2) os novos meios de comunicação em massa que se converteram em fontes paralelas de informação e cultura (descentralizando o saber do professor); e 3) o conflito nas instituições quando se pretende definir qual é a função do professor, que valores ele deve transmitir e quais deve questionar.

Os professores deste estudo reforçam a posição da autora quando se referem à família dos alunos, conforme já mencionamos, e à constante atualização do saber do professor principalmente. Além disso, referendam o acúmulo de papéis como um fator de extrema relevância para a exaustão emocional, como podemos constatar nas seguintes falas dos profissionais, ilustrando a preocupação com essa ambigüidade de papéis a que estão expostos diariamente.

> *"É muito cansativo, muito estressante porque a gente se sobrecarrega, são muitas coisas, a gente é mãe, é tia, é avó, é amiga, é colega, é professora, é de tudo" P. 8*

> *"Além de todo trabalho de professor, tu tens que ajudar o aluno a solucionar os problemas dele, que ele ta trazendo de casa porque ele ta sozinho, isso eu acho que ta mais complicado. Tem coisas que tu não tem como resolver sem pai, sem a mãe ta junto contigo, tu não resolve, e hoje os pais estão distantes. Mas temos problemas sérios de meninas sendo assediadas pelo pai, meninos serem assediados pela mãe, pela madrasta, pelo padrasto, e daí? Fazer o que? E como eu tenho esse contato com os meus alunos eles acabam sempre pedindo ajuda, eu tenho muitos, vários pedindo. Tu acabas chegando muito perto deles, e a gente vai se desgastando demais, cansando e sofrendo demais..."P. 3*

Esse acúmulo de papéis, sem dúvida, gera um desgaste vivenciado diariamente pelos professores, fazendo com que se sintam emocionalmente exaustos e desenvolvam sintomas emocionais e comportamentais que vêm a afetar sua vida profissional e pessoal, além de desenvolverem sintomas físicos como, por exemplo,

insônia, úlceras, dores de cabeça, hipertensão e uso de álcool e medicamentos, conforme foi referido por P8 , P2 e P15:

> *"Eu tenho labirintite e pressão alta direto, é só me incomodar e isso é quase todo dia, só passa nas férias, nos fins de semana, a semana inteira vivo tomando remédios, mas não adianta nada porque a gente só se incomoda" P. 8*

> *"Agora começaram a surgir sintomas físicos, estômago, sobrepeso, não to conseguindo controlar porque acaba se comendo mais, tem aquela necessidade, qualquer coisa parece que quando se ta assim nessas condições satisfaz, é uma ansiedade. Aí engordo, e colesterol, hipertensão..." P. 2*

> *"Taquicardia, pressão alta. Hoje em dia até essas complicações eu tenho decorrente do colégio. A gente se incomoda tanto que termina tendo reflexos no corpo." P. 15*

> *"Tenho uma gastrite horrível daquela braba, foi o pique do sistema nervoso, uma ansiedade..." P. 11*

Esses professores associam suas dores e angústias com o trabalho que desenvolvem. Muitos chegam a dizer que só manifestam problemas de saúde quando estão trabalhando e quando estão em férias, ou gozando licenças, não têm esses problemas. É importante destacar que essas queixas referidas pelos professores são relatadas na literatura como sintomas físicos de exaustão e, segundo Carlotto (2002), devem ser examinadas como conseqüência de um trabalho periculoso, que tem trazido conseqüências drásticas para os profissionais.

Carlotto (2002), citando Benevides-Pereira (2001), coloca que os sintomas da ***Síndrome de Burnout*** não são universais e dependem das características individuais de cada pessoa e das circunstâncias em que ela se encontra. Esses professores têm suas particularidades e alguns desenvolvem mais problemas de ansiedade, dores musculares, entre outros, dependendo de suas características individuais e do tipo de trabalho que realizam. É o caso de um professor de Educação Física que narra as circunstâncias em que realiza seu trabalho, em um pátio sem condições de higiene

adequada, sujeito a desenvolver enfermidades ligadas ao clima, à voz e que outros professores não reclamam.

> *"Eu comecei a ficar doente quando comecei a trabalhar na rede (municipal) nas escolas. Eu nunca tinha nada, agora vivo com dor de garganta, tenho calo nas cordas vocais de tanto gritar, nunca tive nem uma gripe e agora até infecção respiratória me deu, acho que é do pátio..." P. 6*

Evidentemente, desenvolver algum sintoma desses relatados não significa que os professores estão desenvolvendo ***burnout*,** mas, também, não pode ser descartada tal possibilidade, uma vez que ao examinar o contexto do profissional, podemos perceber os indícios da ***Síndrome de Burnout*** nos profissionais da educação. Além disso, um fator determinante é a ligação desses sintomas ao trabalho e à conduta que os profissionais em estudo têm manifestado com seus alunos. Benevides-Pereira (2002) conclui que professores com ***burnout*** sentem-se emocional e fisicamente exaustos, estando freqüentemente irritados, ansiosos, com raiva e tristes.

A maioria dos professores relatou que os sintomas físicos apareceram com o tempo de magistério, após vários anos de desgaste. Esses sintomas foram referidos como conseqüência das mudanças ocorridas no contexto profissional e nas interações que os próprios professores foram realizando ao longo dos anos. Outro aspecto importante que verificamos é o fato de os sintomas referidos pelos professores desse estudo ir desde sintomas comportamentais até os clínicos e variarem de acordo com o momento que vivenciam, ou seja, no início ou no final do ano letivo, durante as férias ou em alguma situação específica.

> *"Nem sempre foi assim, acho que com o passar do tempo tudo foi aumentando, tem dias que eu saio da sala de aula que é um horror, quando eu chego em casa acalma, acho que anos na sala de aula numa agitação, tu tentando dominar aí tu te segura guarda pra ti e aí por dentro vai corroendo e minando" P. 10*

Para finalizar a caracterização da categoria exaustão emocional observada nos professores das séries finais do ensino fundamental de Rio Grande/RS que participaram deste estudo, é possível afirmar que as manifestações referidas se constituem em indícios de ***Síndrome de burnout*,** uma vez que encontram respaldo na literatura e, principalmente, devido à estreita associação com o "desgaste" decorrente do exercício do magistério e das situações adversas da atual situação da educação nessas escolas públicas. Pode-se dizer, também, que essas manifestações devem ser compreendidas como um processo lento que foi se instalando ao longo das carreiras dos professores. Para complementar cita-se Benevides-Pereira (2002) quando refere que os professores do ensino fundamental e médio têm índices mais elevados de exaustão emocional do que professores de outros níveis de ensino.

Categoria 2: Despersonalização

Essa categoria inclui os relatos dos professores no que diz respeito às características de despersonalização. A dimensão da ***Síndrome de Burnout*** ora trabalhada se apresenta de maneira crucial no desenvolvimento de ***burnout***. Segundo a literatura, a despersonalização se faz presente principalmente quando o professor atribui ao seu comportamento posturas de distanciamento e diminuição do afeto para com seu aluno.

Tal constatação tem respaldo nas falas dos professores quando eles se referem ao seu comportamento com os seus alunos. A despersonalização é vivenciada através de comportamentos específicos, como a diminuição na afetividade e maior distanciamento de seus alunos, menos carinho e paciência com os mesmos, além de manterem um comportamento distante de seus colegas de trabalho.

> *"Meu relacionamento é mais ou menos, já foi mais afetivo, a paciência esgota, o carinho não é o mesmo, a gente cansa de só dar..." P 15*

De modo geral, consideram essa maneira de agir como uma forma de proteção que os ajuda a suportar a rotina em sala de aula. Relataram, também, que além de

manterem suas posturas distantes por proteção, têm medo de proporcionar um diálogo aberto com seus alunos e estes extrapolarem os limites. Então, se restringem a ensinar apenas o necessário e não se expor além do que consideram “seguro” e “permitido”, como referem P6 e P1.

> *“Acho que eu poderia ser mais afetiva, sou distante por proteção. Eles são muito agitados e com o passar do tempo aprendi a não me envolver muito. Aí acabo me distanciando para proteção mesmo.” P. 6*

> *“Eu acho que meu relacionamento é bom. Podia ser bem melhor, mas eu já vou fechada, têm uns (alunos) que parecem que são superiores a ti e tem dias que eles extrapolam, aí eu tranco para não piorar o debate[...] Antes eu era muito mais maleável, muito mais afetiva, eles mesmos fazem isso ocorrer, fui aos poucos me tornando uma pessoa mais dura, mais rígida.” P. 1*

Esse tipo de comportamento dos professores dificulta ou, em alguns casos, impede a construção de uma relação mais humana com seus alunos, o que precisa acontecer no magistério para que o processo ensino-aprendizagem possa se efetivar. É indiscutível que essa relação proporciona um desgaste emocional maior nos professores, porém neste processo a qualidade da relação professor-aluno é decisiva e imprescindível. Codo e Gazzotti (1999) afirmam que se alunos ou professores não se envolvem, poderá até ocorre algum tipo de fixação de conteúdo, mas certamente não ocorrerá nenhum tipo de aprendizagem significativa. Os autores sustentam que é mediante o estabelecimento de vínculos afetivos que ocorre o processo ensino-aprendizagem.

Outra situação vivenciada pelos participantes deste estudo que remete à possibilidade de despersonalização nos mesmos é a diminuição da tolerância e do carinho para com seus alunos. Os professores relataram que com o tempo de trabalho vão perdendo a paciência para com seus alunos e culpabilizam o comportamento dos mesmos, que não valorizam seu trabalho como profissional e não correspondem ao empenho do professor. Relatam, também, a diferenciação para o tratamento com seu aluno no inicio de suas carreiras e nos dias de hoje.

> *"Atualmente meu comportamento com meus alunos é muito frio, não tenho mais carinho com eles, não tenho mais paciência para ensinar,às vezes nem paciência de ouvi-los. Aí quando a gente chega nesse ponto o relacionamento se torna estritamente burocrático e não dá mais prazer em sala de aula..." P 11*

> *"A paciência esgota porque não temos retorno do empenho em sala de aula, já fiz várias coisas diferentes para motivar a classe e a resposta dos alunos é sempre a mesma, eles não te valorizam, aí a gente cansa, perde a paciência com quem não quer aprender e todo o processo de construção perde o sentido. É pior porque a gente só percebe isso depois de ter tempo de magistério, no início a gente pensa que vai fazer a diferença, mas o tempo passa e a gente percebe que não consegue mudar nada, eles não têm interesse e a gente fica sem paciência nenhuma e sem carinho também..." P. 12*

A maioria dos professores se encontra nesta situação depois de já terem tentado várias formas de desenvolver seu trabalho de uma maneira melhor e chegaram a esse ponto, sem paciência, sem interesse, como resposta ao comportamento do aluno, também desinteressados. Além disso, muitos professores relataram que, com o passar do tempo, desenvolveram outras atitudes (caracterizadas por eles próprios como de cinismo) como forma de amenizar os problemas que ocorrem em sala de aula. Ainda complementam dizendo não sentir mais vontade de tratar seu aluno de forma diferente, pois estão cansados e se mostram exaustos para a troca afetiva com o mesmo.

> *"Sou até cínica hoje em dia, antes, no início, eu tinha afeto, paciência, carinho, hoje eu finjo porque não sinto mais vontade de ser carinhosa, estou sempre exausta..."P. 15*

> *"Tem vezes que me pego até fingindo me dar bem com eles, para ver se eles melhoram um pouco, mas não adianta, eles estão sem interesse algum e não adianta o que eu faça eles não reconhecem" P. 1*

A despersonalização se mostra muito presente na fala dos profissionais que participaram deste estudo. Observa-se que o sentimento de distanciamento do professor em relação ao seu aluno ocorre também com o tempo de serviço, uma vez que com as dificuldades diárias, o comportamento dos alunos leva o professor a se

distanciar para tentar se preservar, além de tratar seu aluno de forma não ideal, com cinismo e sem afeto. Porém, essa atitude não preserva ninguém, somente afasta o professor do aluno e faz com que este não trabalhe como deveria, pois segundo a docência só se completa com a troca afetiva entre professor e aluno.

Uma atitude referida pelos professores deste estudo que também caracteriza a despersonalização é o afastamento deles no que se refere ao tratamento com seus colegas de trabalho. Foi constatado que apenas dois professores dizem manter laços de amizade com seus colegas de trabalho, justificando essa postura na facilidade de trabalhar em uma ambiente onde se tem amigos.

> *"É necessário ter amigos no colégio, preciso saber que tenho com quem contar, me sinto mais amparada ao saber que caso precise tenho amigos, além de que quando somos amigos o ambiente é mais informal podemos descontrair e tentar relaxar às vezes" P. 3*

Chambel (2005) dá sustentação à fala de P3 quando argumenta que ter um relacionamento amigável no ambiente o qual se trabalha é uma importante fonte de prevenção da ***Síndrome de Burnout****,* uma vez que a reflexão e a partilha entre colegas permite a cada professor perceber que seus problemas não são exclusivos, e que pode desabafar entre seus pares, além de perceberem que, em conjunto, pode ser possível progredir na resolução de problemas.

Contrariamente a tal postura, todos os outros professores deste estudo atribuem ao seu comportamento com seus colegas um relacionamento distante, apenas cordial e superficial. Deve ser mencionado, todavia, que esse comportamento pode ser atribuído à realidade atual de trabalho dos professores. Antigamente os professores tinham mais tempo de convívio na escola, hoje, a carga horária de trabalho é bem maior, fazendo com que estes apenas confraternizem rapidamente, no intervalo das aulas e no recreio escolar. É o fator tempo novamente que sustenta a diferenciação desse contexto através dos anos. Devemos considerar que a maior parte dos professores deste estudo trabalha em mais de uma escola e leciona uma carga horária excessiva, limitando o tempo de convívio não apenas com seus colegas, mas também para a família o tempo é restrito.

A carga horária e o número de escolas em que lecionam os professores é um fator relevante para a ***Síndrome de Burnout***. Soratto e Pinto (1999) relatam que professores com mais de um emprego têm mais chances de desenvolver ***burnout.*** Essa propensão é mais acentuada quando o professor trabalha em dois ou mais estabelecimentos com vinte horas em cada um do que aqueles que trabalham quarenta horas no mesmo local, visto que dois empregos implicam maior número de deslocamentos, mais tempo para preparação de aulas, maior esforço para adaptação em ambientes distintos, além de restringir o contato com os colegas, como é o caso dos professores que participaram deste estudo, cuja maioria trabalha em mais de uma escola, tem uma carga horária superior a vinte horas semanais e mantém com seus colegas um relacionamento apenas cordial, além de vivenciarem uma forte competição pelos melhores horários, melhores turmas e regalias profissionais, o que torna difícil fazer amigos no trabalho.

> *"Aqui o ideal é ser colega, nunca se sabe o que se pode esperar de um outro professor, sempre tem as preferências por turmas, horários, a concorrência é muito grande" P.2*

> *"Não tenho amigos na escola, só colegas. Atualmente a gente chega, vai para a sala de aula e fica lá toda manhã, é difícil confraternizar. Antigamente não era exigido da gente uma carga horária tão grande e podíamos nos conhecer melhor e quem sabe até se tornarmos amigos, hoje não, mal nos cruzamos no recreio e nos corredores, a vida escolar ficou muito corrida, sem espaço para confraternizações." P. 7*

É importante destacar que a diferenciação nas respostas quanto ao relacionamento com os colegas apresentou-se de duas maneiras: aqueles que não faziam questão de fazer amigos porque acreditavam ser um ambiente de muita competição, de concorrência, e aqueles que mencionaram a mudança do trabalho do professor, sendo exigido atualmente uma alta carga horária que o impediria de estreitar laços de amizade com seus colegas.

Categoria 3: Baixa Realização Profissional

Nesta categoria foram reunidas as falas que refletem a baixa realização profissional e os fatores que contribuem para tal condição, incluindo os fatores macro-sistêmicos como, por exemplo, o conjunto de leis que atualmente regem o sistema educacional; a burocracia e a falta de infra-estrutura, que dificulta o trabalho do professor; a falta de interesse dos alunos, a forma como a sociedade vê atualmente o trabalho do professor, e o baixo salário dos profissionais da educação. Esses fatores que segundo Benevides-Perreira (2002) reduzem a satisfação do professor e evidenciam o sentimento de insuficiência, de baixa auto-estima, revelando baixa eficiência no trabalho e, por conseguinte, insatisfação profissional. A fala de P7 traduz essa situação.

> *"O nosso aluno, ele não questiona, ele não pergunta nada. Não tem mais aquele aluno que indagava, não tem. O que me angustia muito é a falta de interesse, falta de tudo, eles não estudam, não entregam trabalho, sabem que hoje em dia as leis protegem, que tudo eles podem, então o interesse é mínimo" P. 7*

Esta fala sintetiza uma reclamação freqüente dos professores no quotidiano escolar, que os leva a não se sentirem valorizados e respeitados. A partir da implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) e da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996), os direitos dos alunos foram destacados. Alguns professores chegam a dizer que depois dessas leis o aluno tudo pode, e que o professor deve se submeter à decisão de promotores, conselhos tutelares e família, que não conhecem e não vivenciam a rotina escolar. Um exemplo é o que diz o artigo 24 parágrafo V da LDB quanto à verificação do rendimento escolar, que devem ser observados os seguintes critérios:

a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;

b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;

e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao ano letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos;

Segundo o ponto de vista de alguns professores, na prática, isso faz com que o aluno não estude mais para provas, não tenha mais o receio de repetir o ano, porque além da média de aprovação ser de 50%, ele sabe que os aspectos qualitativos devem prevalecer sobre os quantitativos e que mesmo assim se ele não atingir média, cabe ao professor recuperá-lo até a aprovação.

> *"O interesse do governo hoje é pela aprovação, os alunos estão saindo sem conhecimento, querem apenas a aprovação, eu acho até que é isso que eles querem: menos cultura para entender o que fazem..." P. 1*

Quanto à burocracia e à falta de infra-estrutura que é referida pelos professores como fatores que dificultam o trabalho e o andamento do ensino, P 8 expressa:

> *"Eu gosto do que faço, a única coisa que eu gostaria é que a gente tivesse mais recurso para lecionar, para dar uma aula decente, a gente tem pouco recurso disponível. Às vezes a burocracia impede um trabalho diferenciado, um exemplo disso é que até conseguir um ônibus para ir a algum lugar é difícil, tem que elaborar um projeto, enviar para centenas de pessoas, esperar autorização, quando se consegue. No início da carreira a gente faz, depois eu penso que não vou bater numa rocha, não vou romper com isso tão fácil, só vou me desgastar mais..."*

Chama atenção o fato do professor tentar, muitas vezes, realizar um trabalho diferenciado, buscar recursos que lhe permita ir além do quadro negro e do giz, mas a burocracia para realizar qualquer atividade diferente se faz muito presente no quotidiano escolar. É extremamente difícil conseguir materiais novos de trabalho, recursos para sair da escola para uma atividade extra-classe, por exemplo.Chambel (2005) menciona essa questão quando diz que atualmente as escolas têm falta de materiais audiovisuais e livros, falta de colaboração dos serviços administrativos, falta de condições físicas ideais, ausência de autoridade por parte dos órgãos diretivos. Todos esses fatores somados levam o professor a continuar trabalhando com uma

prática pedagógica tradicional e ultrapassada, levando-o a uma insatisfação profissional. Muitos professores deste estudo refletem este conceito quando relataram que gostam de ser professores, que não gostariam de ter outra profissão, mas que contrário a isso, a realidade de trabalho vai sendo fonte contínua de insatisfação, gerando um profissional mais descomprometido e insatisfeito com seu trabalho e com ele mesmo. Alguns professores têm consciência desse processo e se sentem culpados pelo fato de não conseguirem modificar o seu trabalho. É o caso de P 7 quando diz:

> *"Eu gosto do que faço, a única coisa que eu gostaria é que a gente tivesse mais recurso para lecionar, para dar uma aula decente, a gente tem pouco recurso disponível. Às vezes a burocracia impede um trabalho diferenciado, um exemplo disso é que até conseguir um ônibus para ir a algum lugar é difícil, tem que elaborar um projeto, enviar para centenas de pessoas, esperar autorização, quando se consegue. No início da carreira a gente faz, depois eu penso que não vou bater numa rocha, não vou romper com isso tão fácil, só vou me desgastar mais..."*

Outro aspecto abordado pelos professores nas entrevistas é a falta de interesse dos alunos, considerada como conseqüência direta da falta de realização do professor. Ele sente que seu trabalho não está sendo bem aproveitado, gerando uma frustração profissional. Os participantes deste estudo percebem que seus alunos não valorizam seu trabalho e isto gera neles um sentimento de baixa realização profissional. A partir de tal sentimento, o profissional passa por situações que não sabe como melhorar e vai reduzindo sua satisfação profissional até chegar a um ponto difícil de reverter.

> *"Hoje em dia, os alunos vivenciam uma realidade muito diferente de um tempo atrás, eles têm acesso à internet, sites, pesquisas, um mundo eletrônico que exerce um fascínio neles e que muitas vezes fica quase impossível dar aula de maneira que cause um certo interesse neles. Não temos como competir com toda essa tecnologia, a qual a escola pública não tem acesso, além do que nossos alunos não têm também maturidade para compreender a importância da figura do professor." P.14*

> *"Às vezes tu prepara uma aula diferente, com música, coisa assim né, fica até tarde preparando aquilo e eles não valorizam, não aproveitam, aí a gente se sente super desvalorizado..." P. 2*

Outra importante fonte de desvalorização profissional é o desprestígio do papel do professor, no âmbito da sociedade em geral, dos pais e dos próprios alunos. P15 expressa essa queixa quando questiona:

> *"Pergunta para os pais deles (alunos) se querem que seu filho seja professor..." P.15*

Esta atitude se constitui em uma fonte inesgotável de insatisfação em relação ao trabalho do professor e está presente nas falas e nos comportamentos dos entrevistados. Zaragoza (1999) dando veracidade ao que diz Bronfenbrenner (2005) em relação ao tempo e ao contexto, afirma que atualmente a carreira de professor não é mais vista como bela e cobiçada como nos anos quarenta e cinqüenta. Nesse tempo se atribuía ao mestre um *status* social e cultural elevado, seu conhecimento era valorizado, porém, hoje, esse *status* e esse conhecimento declinaram, e como conseqüência, a desvalorização da docência. Para muitos pais, os filhos escolherem o magistério é sinônimo de incapacidade de fazer "algo melhor", ou seja, na sociedade atual, no tempo em que vivemos, dedicar-se ao magistério não é mais uma opção desejável.

> *"Dizem sempre que o trabalho é importante, mas tu não vê ação, falta na prática eles demonstrarem isso, através de respeito, por exemplo, acho que na teoria é muito bonito, mas na prática não funciona assim..." P. 6*

> *"Muita gente diz que o professor é movido a dinheiro, que só faz greve e paralisações para não trabalhar e ganhar dinheiro, essa é a visão de muitos: que a gente trabalha pouco e ganha muito..." P. 8*

A percepção depreciativa do próprio professor faz com que ele se sinta realizando um trabalho sem importância, sem reconhecimento. Porém, mesmo com todos esses argumentos negativos, muitos professores que participaram deste estudo disseram sentir-se realizados profissionalmente, embora as condições de trabalho não sejam adequadas. Esse sentimento pode ser explicado ao verificar que estes professores atribuem ao seu trabalho um significado e uma importância que os outros não vislumbram, e que justifica sim a escolha por uma profissão tão mal vista e mal

remunerada atualmente. Para reafirmar tal posição resgatamos o fato que, neste estudo, apenas um professor referiu o salário como parte importante para a realização profissional.

> *"O salário é muito baixo, é vexatório. Precisamos trabalhar em vários lugares, muitas aulas particulares e muito trabalho levado para casa, senão não tem como conseguir nos sustentar." P. 11*

Embora seja uma questão verdadeiramente importante e até mesmo reveladora do valor social de uma profissão, é importante registrar que o grupo de participantes deste estudo julga importante sim, rever a remuneração docente, mas não atribuem isoladamente, a este fato, o problema da realização profissional.

Para a exaustão emocional, estes professores relataram ser de grande importância levar em consideração o atual contexto do professor. Eles mencionaram que atualmente os alunos se mostram sem limites, sem respeito, e muitas vezes até sem educação, o que pode segundo os mesmos, ser decorrência da ausência dos pais na rotina de seus filhos, refletindo no professor a sobrecarga de papéis durante seu trabalho. Somado a isso, o trabalho do professor também sofreu outras mudanças significativas. Estes têm que estar sempre atualizados, os alunos vivem numa época em que questionam e têm acesso ao conhecimento com a internet, por exemplo, fazendo com que o professor tenha que estar sempre buscando novas fontes de reciclagem. Antigamente, esse fato não ocorria, o professor era figura máxima do saber.

Para a despersonalização, os professores justificaram que trabalhando com exaustão, é decorrência quase que inevitável o tratamento de seu aluno de forma burocrática, sem afeto. Também os professores justificam uma postura fria e distante por proteção, para tentarem se proteger do desgaste emocional diário.

No que diz respeito à baixa realização profissional, os professores relataram que antigamente tinham seu trabalho reconhecido, que mesmo não tendo uma remuneração adequada tinham o respeito dos pais, alunos e sociedade. Atualmente os professores deste estudo afirmam estarem vivendo uma época em que muito mais

frustrante que o salário que ganham, é a falta de respeito da sociedade para com sua profissão, o que gera um profundo sentimento de baixa realização profissional.

Ao discorrermos sobre as manifestações de ***burnout*** nesses professores, deve-se mencionar prioritariamente que a forma como foram expressas as dimensões dessa síndrome em tais professores, se justifica na individualidade biológica de cada envolvido neste estudo e na forma como cada professor realiza as interações que ocorrem em suas vidas ao longo do tempo. A maneira como cada professor reage ao estresse do quotidiano escolar e como ele lida com essa situação, depende de como ele percebe seu ambiente e como ele realiza essas interações. Os professores manifestaram dessa forma a ***Síndrome de Burnout*** e com certeza se as mesmas entrevistas forem feitas com outros professores ou outros profissionais, as características do grupo serão evidenciadas de acordo com as vivências de cada um.

CAPÍTULO VI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa abordou o tema ***Síndrome de Burnout,*** que embora seja objeto de muitos outros estudos e discursos, ainda é pouco conhecida e raramente estudada em certos contextos, mesmo sendo um tema pertinente ao âmbito de várias profissões, principalmente às ligadas à educação e à saúde. Além de se constituir em uma questão multidisciplinar, que justifica seu estudo na interface entre duas áreas do cuidado, como a enfermagem e a educação física, a inclusão de professores como sujeitos desse estudo, assumiu uma condição de prioridade não apenas pelo fato da mestranda ser educadora mas, também, porque esses profissionais são responsáveis pela formação de outros futuros profissionais na sociedade.

Cabe ao professor transmitir não apenas conteúdos, mas os valores, a ética, a moral e a responsabilidade aos seus alunos. Entretanto, como verificamos no decorrer deste estudo, os professores que desenvolvem algum dos sintomas da ***Síndrome de Burnout*** não se sentem aptos para realizar seu ofício com eficiência, o que reforça a necessidade de maior atenção à saúde mental e física desses profissionais a fim de que possam desempenhar seu trabalho.

O objetivo deste estudo era identificar nos professores que dele participaram, possíveis manifestações que fossem sugestivas de ***Síndrome de Burnout.*** O objetivo foi atingido e a partir de suas manifestações que, dependendo da abordagem utilizada, poderiam ser nomeadas de sintomas, foram apontadas algumas situações que podem contribuir fortemente para que os professores venham a desenvolver a síndrome em estudo, no contexto onde desenvolvem seu trabalho. Dentre essas, a “qualidade” da rotina diária de trabalho, e situações que enfrentam em seus quotidianos que, indiscutivelmente podem explicar por que o ***burnout*** se tornou tão presente na vida dos profissionais da educação.

Os professores relataram estar vivendo atualmente uma fase difícil no que se refere ao contexto educacional. Referem que há alguns anos eram valorizados, respeitados e, muitas vezes, tinham seu trabalho almejado por muitos de seus alunos. Suas falas revelam sentimentos de perda, pois não têm mais o respeito dos pais, dos alunos, da sociedade, ou seja, não têm o reconhecimento pela sua profissão. Essa percepção, somada às péssimas condições de trabalho, resulta em profissionais desgastados, desmotivados e com uma sensação de não ter mais o que acrescentar ao seu fazer quotidiano. Se retomarmos a questão norteadora deste estudo, que indagava se os professores da rede municipal de ensino das séries finais da cidade do Rio Grande estariam desenvolvendo manifestações que possam ser sugestivas da ***Síndrome de Burnout*,** a resposta é afirmativa, pois a totalidade dos profissionais referiu características que podem ser incluídas em uma das três categorias que classicamente os autores nomeiam como características de ***Síndrome de Burrnout*.**

Outro aspecto importante a registrar é que esta pesquisa foi desenvolvida com uma metodologia qualitativa, o que a difere da maioria dos estudos que investigam o tema em foco, os quais utilizam predominantemente métodos quantitativos, em geral, com aplicação de instrumentos fechados em sua estrutura. Sem desconsiderar o valor de cada um desses métodos para a construção do conhecimento específico acerca da ***Síndrome de Burnout***, foi justamente a metodologia qualitativa que permitiu adentrar no viver diário dos professores, visualizar suas rotinas de trabalho, suas fraquezas, suas angústias e as peculiaridades que justificam uma intervenção neste espaço tão caótico em que se encontra a educação.

Conforme foi referido anteriormente, este estudo representa apenas uma etapa inicial para a construção do conhecimento da ***Síndrome de Burnout*** em professores. Em sua continuidade, devem ser incluídos não só os professores de séries finais, mas de todos os níveis, de tal forma que se possa conhecer a extensão real do problema, especialmente nessa região para, após, investir na construção de estratégias de enfrentamento da síndrome, pois os profissionais com ***burnout*** precisam ser tratados, restabelecidos e entendidos.

Ao finalizar este estudo, espero que o conhecimento gerado possibilite, também, maior divulgação do assunto, especialmente no âmbito da cidade do Rio Grande/RS,

nos meios acadêmicos e nos ambientes de trabalho. Da mesma forma, maior comprometimento das instâncias sociais e políticas envolvidas com o processo de viver e de trabalho dos profissionais das áreas que, segundo a literatura, mais freqüentemente podem desenvolver a ***Síndrome de Burnout***, como a enfermagem e a educação, entre outras.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 70 ed. Lisboa, 1979.

BENEVIDES-PEREIRA, A. M. **Quando o trabalho ameaça o bem estar do trabalhador**. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BRASIL, Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: 1990.

BRASIL. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: 1996.

BRONFENBRENNER, U. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BRONFENBRENNER, U. **Making Human Being Human.** Sage: 2005.

CANDEIAS, N. M. F. **Conceitos de Educação e de Promoção em Saúde: uma abordagem integrada.** Revista da Escola de Enfermagem da USP. V. 30, p.209-213, 1997.

CHAMBEL, M. J. **O Stress na Profissão Professor**. Proformar on line, Almada, n. 7, jan. 2005. Internet. Disponível em http://www.proformar.org/revista/edição-7 acesso em 12 mar. 2005.

CARLOTTO, M.S. **Síndrome de burnout: um tipo de estresse ocupacional**. Caderno universitário. Porto Alegre/RS: ULBRA, 2001.

_____. **A Síndrome de Burnout e o trabalho docente.** Psicologia em estudo, Maringá, v.7, n. 1, jan./jun. 2002. Disponível em http://www.scielo.com.br acesso em: 20 abr. 2005.

CARLOTTO, M. S.; CÂMARA, S. G. **Analise fatorial do MBI em uma amostra de professores de instituições particulares.** Psicologia em estudo, Maringá, v.9, n. 3,set./dez.. 2004. Disponível em http://www.scielo.com.br acesso em: 20 abr. 2005.

CODO, W. **Educação: carinho e trabalho. Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar a falência da educação.** Petrópolis: Vozes, 1999.

CODO, W.; GAZZOTTI, A. A. **Trabalho e Afetividade.** In: Codo (coord.)Educação carinho e trabalho. Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar a falência da educação. Petrópolis: Vozes, CNTE e UNB. 1999. p. 48-59.

CODO, W.; VASQUES-MENEZES,I. V. **O que é Burnout?** In: Codo (coord.) 1999. Educação carinho e trabalho. Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar a falência da educação. Petrópolis: Vozes, CNTE e UNB. 1999. p.237-254.

CURY, A. **Pais brilhantes professores fascinantes.** Rio de Janeiro: sextante, 2003.

DEMO, P. **A nova LDB: ranços e avanços**. São Paulo: Papirus, 1997.

FIGUEROA, J. F.; VELIZ-CAQUIAS, R. E. **El Síndrome de quemazón y el ambiente de trabajo em uma muestra de enfermeras psiquiátricas**. Rev. Ciencias de la Conducta. n. 3, p. 101-121, 1992.

FIRTH, J. **Personal Meanings of occupational stress: cases from clinic.** Journal of Occupational Psycology, 1985.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDEMBERG, M. **A Arte de Pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico de 2000: características gerais da população**. Rio de Janeiro, 2000.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.A. **Metodologia Científica**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1991

LIPP, M. **O stress do professor.** Campinas: Papirus, 2003.

MASLACH, C. ; LEITER, M. **Trabalho: fonte de prazer ou desgaste?** Campinas, São Paulo: Papirus, 1999.

MASLACH, C.; JACKSON, S. **The Measurement of Experienced Burnout**. Journal of Occupational Behavior, 1981.

MASLACH, C.; SCHAUFELI, W.B. e LEITER, M. P. **Job Burnout**. Annual Review Psychology. 2001. p. 397-422.

MINAYO, M. C. S. O **desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2 ed. Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1993.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, BRASIL. **Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde**. Brasília, 2001.

MORAES, R. **Análise de Conteúdo**. Porto Alegre: PUC RS, 1993 (mimeo).

MORENO-JIMENEZ, B. et al. **A avaliação do Burnout em professores. Comparação de instrumentos: CBP-R e MBI-ED.** Psicologia em estudo, Maringá, v. 7, n. 1, jan./jun. 2002. Disponível em http://www.scielo.com.br acesso em: 16 abr. 2005.

_____Prevenção e Intervenção na Síndrome de Burnout. Como Prevenir (ou remediar) o Processo de Burnout. In: BENEVIDES-PEREIRA, A. M. Quando o trabalho ameaça o bem estar do trabalhador. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p.227-264.

NETTINA, S. M. **Prática de Enfermagem** 6 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE – OPAS- **ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE -** OMS. Disponível em http://www.opas.org.br acesso em 02 abr. 2005.

PEIRÓ, J. M. **Psicología de la organización.** Madrid: Uned, 1986.

POPIM, R. C.; BOEMER, M. R. **Cuidar em oncologia na perspectiva de Alfred Schutz.** Revista Latino-Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, v.13, n. 5, set/out 2005. Internet. Disponível em http://www.scielo.com.br acesso em 16 abr. 2007.

SELYE, H. **The Stress of Life**. New York, Mc GrawwHill.1965.

SORATTO, L.; PINTO, R.M. **Atitudes no Trabalho e Burnout**. In: Codo (coord.) Educação carinho e trabalho. Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar a falência da educação. Petrópolis: Vozes, CNTE e UNB. 1999. p.278-281.

TUCUNDUVA, L. M. C. M. et al. **A síndrome da estafa profissional em médicos cancerologistas brasileiros.** Revista da Associação Médica Brasileira, São Paulo, v.52, n. 2, mar/abr 2006. Internet. Disponível em http://www.scielo.com.br acesso em 16 abr. 2007.

VASQUES-MENEZES, I.; GAZZOTTI, A. A. **Suporte afetivo e sofrimento psíquico em burnout.** In: Codo (coord.) 1999. Educação carinho e trabalho. Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar a falência da educação. Petrópolis: Vozes, CNTE e UNB. 1999. p. 261-266.

WOODS, P. **Intensification and Stress in Teaching**. In: Vanderbergue, R. e Huberman, M. A. (Eds.), Understanding and preventing teacher burnout: a source book of international practice and research. Cambridge: Cambridge University Press. 1999.

ZARAGOZA, J. M. E. O Mal estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores. São Paulo: EDUSC, 1999.

APÊNDICES

APENDICE 1

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
MESTRADO EM ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ENFERMAGEM/SAÚDE

Instrumento para Coleta de Dados/Questionário

Data .....

PARTE I

1. **Dados de identificação:**

1.1 Nome:.....

1.2 Idade:.....

1.3 Sexo: M( ) F( )

1.4 Estado civil: Casado ( ) Solteiro ( ) Separado ( ) Outro ( )

1.5 Filhos: Sim ( ) Não ( ) Quantos: Idade(s):.....

1.6 Porque escolheu o magistério como profissão:
.....
.....

2. **Dados profissionais**:

2.1Tempo de magistério:.....

2.2 Número de escolas em que leciona:.....

2.3 Carga horária de trabalho em cada escola.....

2.4 Disciplina que leciona:.....

2.5 Número total de turmas:.....

2.6 Carga horária totalde trabalho:.....

2.7 Qual o meio de transporte que utiliza para chegar ao trabalho.....

2.8 Você já utilizou alguma licença? Por quê?.....
.....

2.9Você tem faltas? Por quê?.....

3. Dados familiares

3.1 Condições de moradia: casa própria: Sim ( ) Não ( )

3.2 Renda Individual .....

3.3 Renda familiar (expressa em salário mínimo): .....

3.4 Quantas Pessoas vivem dessa renda:.....

3.5 Qual o tempo compartilhado em família por dia .....

3.6 Atividade de lazer: Sim ( ) Não ( ) Qual?.....

APÊNDICE 2

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
MESTRADO EM ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ENFERMAGEM/SAÚDE

PARTE II

Questões Norteadoras para Entrevista

Exaustão Emocional

1. Do ponto de vista emocional, como, em geral, você se sente ao final de um dia de trabalho?
2. Você já observou algum problema de saúde (físico ou emocional) associado com seu trabalho?

Despersonalização

3. Como você avalia o seu relacionamento com:

   Alunos;

   Colegas de trabalho

   Família;

   Amigos.
4. Como você avalia a sua motivação para o trabalho?

Baixa Realização Profissional

5. Como você descreve a importância do trabalho do professor.
6. Você percebe o reconhecimento/valorização por parte da família, da sociedade em geral e dos alunos?.
7. Se você tivesse oportunidade de trocar de profissão. Qual seria sua decisão? E porque?

APENDICE 3

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
MESTRADO EM ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ENFERMAGEM/SAÚDE

Solicitação de Autorização para Realização do Estudo à Secretária de Educação do Município

Sra.
Secretária de Educação
Rio Grande/RS:

Prezada Senhora

Venho por meio deste solicitar a vossa senhoria permissão para a realização da pesquisa intitulada "**Síndrome de Burnout** em Profissionais da Educação: um estudo com professores da rede municipal do ensino fundamental de Rio Grande/RS" por uma aluna do curso de mestrado da FURG (Fernanda Gomes Teixeira), como trabalho de dissertação de mestrado. O responsável pela pesquisa é a professora do departamento de Enfermagem da FURG Dra. Mara Regina Santos da Silva. O objetivo deste estudo é: Identificar manifestações sugestivas da Síndrome de Burnout em professores do ensino fundamental séries finais da cidade do Rio Grande/RS. Para tal, será realizado um trabalho juntamente as direções de escola no período de agosto de 2006.

Na certeza de contar com sua colaboração aproveito a oportunidade para registrar minha consideração.

Atenciosamente:

Mestranda:
Fernanda Gomes Teixeira
E-mail: feteixeira@brturbo.com

Orientadora:
Dra. Mara Regina Santos Silva
E-mail: mara@vetorial.net

APENDICE 4

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
MESTRADO EM ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ENFERMAGEM/SAÚDE

Solicitação de Autorização para Realização do Estudo

às Direções das Escolas

Ilma. Sra.
Diretora de Escola

Venho por meio deste solicitar a Vossa Senhoria permissão para a realização da pesquisa intitulada: "**Síndrome de Burnout** em Profissionais da Educação: um estudo com professores da rede municipal do ensino fundamental de Rio Grande/RS" por uma aluna do curso de mestrado da FURG (Fernanda Gomes Teixeira), como trabalho de dissertação de mestrado. O responsável pela pesquisa é a professora do departamento de Enfermagem da FURG Dra. Mara Regina Santos da Silva. O objetivo deste estudo é: Identificar manifestações sugestivas da **Síndrome de Burnout** em professores do ensino fundamental séries finais da cidade do Rio Grande/RS. Para tal, será realizado um trabalho juntamente as direções de escola no período de agosto de 2006.

Para tal, será aplicado primeiramente um questionário para a caracterização da amostra e posteriormente uma entrevista gravada semi-estruturada.

Na certeza de contar com sua colaboração aproveito a oportunidade para registrar minha consideração.

Atenciosamente:

Mestranda:
Fernanda Gomes Teixeira
E-mail: feteixeira@brturbo.com

Orientadora:
Dra. Mara Regina Santos Silva
E-mail: mara@vetorial.net

APÊNDICE 5

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
MESTRADO EM ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ENFERMAGEM/SAÚDE

PROJETO DE PESQUISA:

SÍNDROME DE BURNOUT EM PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO COM PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DO ENSINO FUNDAMENTAL DE RIO GRANDE/RS

OBJETIVO:

Identificar manifestações sugestivas da **Síndrome de Burnout** em professores do ensino fundamental séries finais da cidade do Rio Grande/RS.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada sobre o objetivo, a justificativa e os métodos de coleta de dados, utilizados nesta pesquisa, na qual estou participando como respondente. Estou ciente também, do direito de sanar qualquer duvida acerca desta pesquisa, em qualquer etapa de seu desenvolvimento; da liberdade de recusar-me a qualquer questionamento com o qual não esteja de acordo; da garantia do anonimato e, até mesmo, anular este consentimento, sem qualquer prejuízo a minha pessoa ou aos meus alunos, assim como o direito de acesso aos resultados do estudo.

Rio Grande, de de 2006.

.....
Assinatura entrevistado(a)

Mestranda:
Fernanda Gomes Teixeira
E-mail: feteixeira@brturbo.com

Orientadora:
Dra. Mara Regina Santos Silva
E-mail: mara@vetorial.net

ANEXO